



**Instituto Politécnico de Santarém**

**Escola Superior de Educação**

## **Investigação na Prática de Ensino Supervisionada II**

### **Gestão de conflitos em contexto escolar**

**Relatório de estágio apresentado para a obtenção do grau de Mestre  
em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

**Sara Isabel Patrício Carvalho**

**Orientadora: Marta Andreia de Sousa Jacinto Uva**

2018, junho

## **Agradecimentos**

Primeiramente, e antes de qualquer outro agradecimento, nomeio a minha orientadora – Professora Marta Uva. Este foi um trabalho que, sem o seu apoio científico, não teria sido possível realizar.

Posteriormente, gostaria de agradecer às docentes que participaram nas entrevistas realizadas e que me ajudaram muito enquanto educadoras cooperantes dos meus estágios.

Outro agradecimento muito especial vai para a minha família, em especial, aos meus pais e avós que foram fundamentais para o começo e para o término da minha vida académica.

E por último, e não menos especial, um agradecimento enorme à minha tia de coração, Maria Gabriela Candeias, pelo apoio incondicional nesta fase tão importante da minha vida.

## **Resumo**

O presente relatório de estágio apresenta uma síntese do trabalho que foi sendo desenvolvido ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e está organizado em duas partes.

A primeira parte organiza e apresenta a informação contida nos portefólios de estágio, nas planificações elaboradas a pares e/ou individuais e as reflexões individuais, para descrever o trabalho desenvolvido nos vários contextos de estágio (creche, jardim de infância e 1º ciclo do ensino básico), bem como o resultante percurso de desenvolvimento profissional e de aprendizagem que estes me proporcionaram.

Na segunda parte, apresenta-se o exercício investigativo realizado em torno da questão – como se desenvolve o processo de gestão de conflitos em contexto pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico? A metodologia seguida para dar resposta à questão de pesquisa passou pela definição de um estudo de cariz qualitativo com recurso a entrevistas realizadas a educadoras de infância e professoras do 1.º ciclo do ensino básico. Da análise dos dados recolhidos foi possível constatar que as educadoras de infância e as professoras do 1.º ciclo do ensino básico têm diferentes perspetivas do tema embora todas considerem importante a necessidade de formação nesta área.

**Palavras-chave:** gestão, conflitos, estratégias, formação.

## **Abstract**

This trainee report represents a summary of the work developed during the Masters degree of preschool and elementary school education and it is organized in two parts.

The first part organizes and represents the trainee portfolio information, the planning done in pairs or individually and also individual thoughts to describe the work developed during training in several contexts (nursery, kindergarten and elementary school), as well as, all the professional development and personal learning achieved.

The second part shows the investigation done around the question – How to develop and manage a conflict process in a preschool or elementary school? The methodology followed to answer this research question went through a defined qualitative study based in interviews to kindergarten and elementary teachers. The final analyses conclude the kindergarten and elementary teachers have different perspectives about this subject but all consider very important the need of training in this field.

**Key Words:** management, conflict, strategies, formation.

## Índice

Parte I – Estágios Realizados .....	1
Creche .....	1
Jardim de Infância .....	5
1.º Ciclo do Ensino Básico .....	8
1.º Ciclo do Ensino Básico .....	12
Avaliação do Percurso de Aprendizagem .....	15
Creche .....	15
Jardim de Infância .....	16
1.º Ciclo do Ensino Básico – 1.º ano .....	17
1.º Ciclo do Ensino Básico – 4.º ano .....	18
Percurso Investigativo.....	19
Parte II – Componente Investigativa .....	21
Contextualização da pesquisa.....	21
Questões orientadoras e objetivos de pesquisa.....	21
Metodologia e tipo de estudo.....	21
Recolha e análise dos dados.....	23
Fundamentação teórica da componente investigativa.....	25
Definição de conflito.....	25
Indisciplina VS disciplina .....	26
Mediação e resolução de conflitos .....	27
Soluções para a resolução de conflitos .....	28
Apresentação dos dados recolhidos .....	30
Síntese comparativa dos dados e principais conclusões .....	35
Reflexão final.....	38
Referências bibliográficas.....	41
Anexos .....	42

## **Índice de figuras**

Figura 1 - Pintura com berlindes .....	3
Figura 2 - Percurso no ginásio .....	4
Figura 3 - Árvore da Primavera .....	7
Figura 4 - Peixes.....	7
Figura 5 - Quiz .....	10
Figura 6 - Dominó .....	11
Figura 7 - Jogo da glória .....	14
Figura 8 - Dicionário.....	14

## **Índice de tabelas**

Tabela 1 - Caracterização das participantes .....	22
---	----

## **Índice de esquemas**

Esquema 1 - Guião de entrevista.....	23
--------------------------------------	----

## Introdução

O presente relatório de estágio insere-se no âmbito da unidade curricular de Investigação PES II, integrada no plano de estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Este relatório está dividido em duas partes: os estágios realizados (parte I) e a componente investigativa (parte II).

Na primeira parte deste relatório optei por realizar uma síntese onde se pode observar todo o trabalho realizado durante os quatro semestres de estágio. Durante estes quatro semestres realizei estágio em contexto de creche, jardim de infância e 1.º ciclo do ensino básico, mais especificamente, nos 1.º e 4.º anos de escolaridade. Nestes mesmos contextos de estágio, caracterizei as instituições e os grupos de crianças, apresentei os projetos de estágio e ainda fiz referência a algumas atividades desenvolvidas que para mim tiveram mais relevância. Quanto ao percurso de desenvolvimento profissional, foquei-me na minha autoavaliação, fiz sobretudo uma análise crítica ao meu desempenho ao longo dos estágios, situações pedagógicas em que me senti mais segura e nas que senti maior complexidade. Durante a realização do percurso de aprendizagem, mencionei algumas questões pertinentes, referi o trabalho desenvolvido em função delas, bem como, a necessidade da componente investigativa.

Quanto à segunda parte aprofundi o desenvolvimento da problemática de pesquisa, que está diretamente relacionada com os diversos contextos de estágio. Na contextualização da pesquisa – objetivos e metodologia seguida – refiro as questões orientadoras, os objetivos, a metodologia utilizada, a amostra utilizada para o estudo e os respetivos instrumentos que serviram para recolha de toda a informação. Relativamente à componente investigativa, apresentei várias perspetivas de autores/as que se debruçaram sobre esta problemática bem como uma série de entrevistas que realizei a educadoras de infância e professoras do 1.º ciclo do ensino básico.

A escolha desta problemática baseou-se em situações decorrentes nos diferentes contextos de estágio. Como futura profissional da educação achei fundamental aprofundar o meu conhecimento acerca desta problemática tão complexa.

Para clarificar os dados que recolhi, apresentei as entrevistas que realizei às educadoras de infância e às professoras do 1.º ciclo do ensino básico que seleccionei para o efeito. Após a análise dos dados, apresentei as devidas conclusões com base nos dados recolhidos.

Segundo Waller (1932, pag. 351) *“Pode argumentar-se que o conflito nas escolas é a característica da vida escolar que melhor prepara os alunos para a vida fora da escola. O que nós precisamos nas escolas não é de suprimir o conflito, mas de estabelecer uma forma mais benéfica do conflito.”*

## Parte I – Estágios Realizados

### Creche

#### *Contextualização*

A creche onde estagiei é uma instituição sem fins lucrativos que se dedica à Educação e à Cultura, financiada pelo Ministério da Educação e pelo Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social. Esta instituição é conhecida pelo seu método específico e prima pela educação exemplar na tarefa grandiosa de educar crianças. Esta instituição é constituída por quatro valências, sendo elas, a Creche, o Jardim de Infância, o 1.º Ciclo e o 2.º Ciclo.

Relativamente à valência onde estive inserida esta é constituída por quatro salas de creche. No salão da creche existe uma copa (onde se preparam os lanches das crianças), uma sala de mães (apoio à amamentação), uma casa de banho para adultos, duas casas de banho para as crianças do pré-escolar e para crianças com dois anos da creche, que já utilizam as casas de banho fora da sala. É importante ainda referir que todos os acessos dentro deste edifício são compostos por rampas de modo a facilitar a deslocação de todos, principalmente das crianças. Fora deste salão existe também um refeitório para as idades superiores a um ano e meio de idade e um ginásio.

No que diz respeito à valência de creche, as quatro salas existentes encontram-se equipadas com materiais educativos, produtos de higiene e segurança que promovem, acima de tudo, o bem-estar e o desenvolvimento da criança.

Esta instituição funciona de segunda a sexta, das 7.30h às 19h, sendo que cada sala possui o seu horário em relação às atividades e rotinas. No final do ano letivo, as crianças deverão cumprir, obrigatoriamente, 30 dias de férias ininterruptas entre 1 de julho e 31 de agosto.

O projeto educativo da instituição onde realizei o estágio tem como tema a “Educação para a Cidadania”, que pretende preparar as suas crianças/alunos para se tornarem cidadãos que convivam com várias culturas. Os objetivos do Projeto Educativo têm como finalidade a promoção dos valores que a instituição deseja transmitir às suas crianças. O método de avaliação da instituição centra-se muito em grelhas de avaliação e em assembleias de reflexão.

A sala onde estive inserida era composta por quinze crianças, sendo elas, dez do bibe azul e cinco do bibe verde. No total eram onze raparigas e quatro rapazes. O bibe azul corresponde à idade de um ano e meio e o bibe verde corresponde à idade de dois anos. Este grupo só tem em comum o acolhimento, as atividades orientadas e o recreio porque o resto da rotina é feita separadamente, porque as crianças do bibe verde estão a fazer a transição para a sala dos dois anos. Durante a minha prática pude observar que a diferença de idades, por mais pequena que fosse, notava-se bastante, ou seja, algumas das crianças

com um ano e meio ainda não tinham competências como a expressão oral, ao contrário das crianças com dois anos de idade. Este foi um dos fatores que nos chamou a atenção em relação ao grupo.

Em relação ao projeto de sala, a educadora não seguia nenhum projeto previamente elaborado. No entanto, a educadora realiza uma planificação anual onde se baseia para as suas planificações semanais. A planificação anual integra os conteúdos conceituais definidos pela mesma, os procedimentos, os métodos, as capacidades, as destrezas, os valores e as atitudes a trabalhar nas diferentes áreas de desenvolvimento, sendo elas a área de formação pessoal e social, a área de expressão e comunicação e a área de conhecimento do mundo.

É importante referir que o maior objetivo da educadora é promover o desenvolvimento emocional, intelectual, social e físico das crianças, assegurando sempre as suas necessidades básicas e a transmissão de cuidados.

### *Projeto de Estágio*

O projeto de estágio intitulou-se “*Contar as cores de cima para baixo*” e pretendeu estimular o interesse das crianças para as seguintes temáticas: as cores, os números até cinco e a lateralidade. Este projeto surgiu da necessidade de serem trabalhadas as temáticas que referi acima a pedido da educadora cooperante. Daí, surgiu a necessidade de criarmos um conjunto de atividades que proporcionassem às crianças prazer na sua realização.

Sabemos também que, segundo Piaget citado por Cavicchia, o desenvolvimento da criança divide-se em diferentes estádios, sendo o que corresponde à primeira idade o Estádio Sensoriomotor (0-2 anos). Neste estádio a criança desenvolve e coordena capacidades sensoriais e motoras que, aos poucos, se vão tornando mais complexas. A criança começa a coordenar esquemas e a experimentar novos meios através da exploração dos objetos com tentativas e erros. Nesta fase, a criança depende dos sentidos e da ação para descobrir o mundo, começa a adquirir o conceito de “permanência do objeto” e a desenvolver a intencionalidade e compreensão de relações de causa-efeito.

É também na primeira infância que encontramos o jogo funcional, mais uma vez, segundo Piaget, neste estádio as crianças brincam agitando as mãos, brincam com os pés, formando as funções de percepção e de motricidade. Os jogos dirigidos a esta idade estão diretamente relacionados com a maturação progressiva neurológica, motora e a coordenação intersensorial da criança.

É a segurança e o sentido exploratório que fazem com que as crianças tirem o maior partido das atividades propostas, que se empenhem e envolvam o mais possível, e foi isso que tentámos trabalhar no nosso estágio a partir das atividades que desenvolvemos, não só a exploração dos sentidos mas também as relações que podíamos estabelecer.

## *Síntese/Avaliação do projeto*

Desde o início tínhamos como principal objetivo despertar nas crianças o gosto pelas cores, o sentido de lateralidade e, ainda, o reconhecimento dos números até cinco, de tal forma pensámos em objetivos que fossem ao encontro das necessidades do grupo. Para isso, formulámos um conjunto de objetivos os quais enumeramos de seguida: despertar a curiosidade das crianças para as cores (encarnado e amarelo) e os números até cinco; desenvolver a motricidade fina e grossa das crianças; promover atividades de movimento em grande grupo; estimular a linguagem oral através de todas as atividades realizadas e, ainda, estimular os quatro sentidos (audição, paladar, cheiro e toque).

Estes objetivos foram pensados e elaborados, tendo em conta as diferentes áreas de desenvolvimento possíveis de relacionar com o tema do projeto, objetivos esses que foram alcançados através das seguintes estratégias: conteúdo das intervenções nas conversas/diálogos com a educadora cooperante; produções (desenhos, pinturas e outros tipos de produções das crianças); registo fotográfico; observação direta; observação indireta e interação com o grupo de crianças. Através destas estratégias de avaliação conseguimos aferir que os objetivos enunciados anteriormente foram alcançados, como por exemplo, pudemos verificar que os objetivos - despertar a curiosidade das crianças para as cores (encarnado e amarelo) e os números até cinco; desenvolver a motricidade fina e grossa das crianças foi atingido porque, nos registos fotográficos, pudemos observar que o grupo de crianças conseguiu atingir os objetivos e realizar as atividades que propusemos de modo a quererem repetir as atividades na sua maioria.

É importante ainda referir que, na sua maioria, os objetivos foram alcançados com sucesso e o grupo, no geral, correspondeu bastante bem às atividades propostas, no entanto, houve uma atividade que nem todas as crianças quiseram realizar, como por exemplo, a digitinta. Esta atividade não foi realizada por algumas crianças devido à textura da mesma.

De todas as atividades que realizámos ao longo do estágio realço, essencialmente duas, a atividade “pintura com berlindes” e a “percurso no ginásio”.

A pintura com berlindes surgiu como introdução à temática das cores (encarnado e amarelo). Esta atividade foi dinamizada por mim e pela minha colega de estágio, de modo a despertar o interesse e dar a conhecer estas duas cores às crianças. Começamos por fazer uma apresentação dos boiões das tintas correspondentes que iríamos trabalhar;



**Figura 1** - Pintura com berlindes

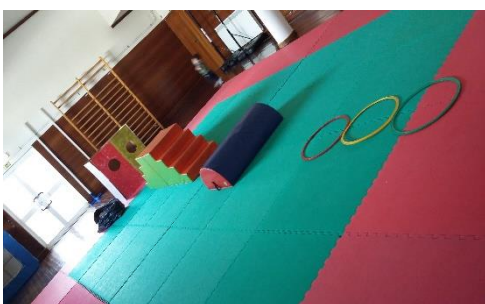
posteriormente apresentámos o material que iríamos utilizar ao longo da nossa atividade e, por último, dividimos o grupo em dois. Durante toda a atividade explicamos individualmente todos os processos que iríamos fazer para que

as crianças percebessem o que estavam a realizar. Esta atividade teve bastante sucesso pois conseguimos atingir o objetivo pretendido que tínhamos inicialmente proposto que era – despertar o interesse da criança para as cores (encarnado e amarelo) e para o número de berlindes (cinco).

Enquanto, a atividade “pintura com berlindes” permitiu trabalhar as cores e os números, a atividade “percurso no ginásio” possibilitou trabalhar com o grupo a motricidade grossa e, ainda, desenvolver a associação de cores.

Começámos, então, por mostrar o percurso com uma demonstração para que as crianças conseguissem perceber o que era pretendido, ou seja, com a nossa ajuda pedimos a uma das crianças para exemplificar. Posteriormente, pedimos ao grupo que se organizasse numa fila única, de modo a que todas as crianças conseguissem realizar a

atividade. Por fim, cada criança teve oportunidade de chegar ao final do percurso e desenvolver a associação de cores com uma caixa dividida em duas cores, nessa caixa tinham que encaixar bolas correspondentes dessas mesmas cores que se encontravam ao lado da mesma.



**Figura 2** - Percurso no ginásio

### *Contextualização*

O jardim de infância onde estagiei situa-se em Santarém, pertence à rede pública do Ministério da Educação e insere-se no Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano.

Na nossa opinião, a instituição preenche quase todos os requisitos que consideramos necessários para um funcionamento adequado. Contudo, é importante destacar alguns aspetos negativos com que nos deparámos, nomeadamente: o facto de não existir nenhum pavilhão desportivo destinado à expressão motora; o facto das salas de aula serem bastante frias e não possuírem nenhum sistema de aquecimento; o facto de o refeitório não possuir grandes dimensões e não conseguir suportar toda a comunidade escolar, tendo de se efetuar turnos para as diferentes turmas e o facto do pavimento do espaço exterior ser em cimento.

Esta instituição funciona de segunda a sexta, das 8:30h às 17:30h, sendo que cada sala possui o seu horário em relação às rotinas.

Não tivemos acesso ao Projeto Educativo da Instituição, mas tivemos acesso ao Projeto Educativo e ao Regulamento Interno do Agrupamento, cuja missão é formar “cidadãos aptos e produtivos, capazes de optarem pela progressão de estudos ou pela integração na vida ativa, por terem frequentado uma Escola onde se aprende a Aprender, a Fazer, a Estar e a Ser, através do Saber”. Os objetivos gerais deste projeto são a promoção da construção de uma educação para todos e a afirmação de uma educação diversificada e diferenciada.

Este jardim de infância possui apenas uma sala de jardim de infância, constituída por dezasseis crianças, sendo elas dez do sexo masculino e seis do sexo feminino. Este grupo é multietário, ou seja, é um grupo com idades compreendidas entre os 3 e os 5/6 anos de idade. Na totalidade, todas as crianças são autónomas em todos os momentos da rotina, como por exemplo, a higiene e a alimentação. Dos dezasseis alunos que compõem este grupo, um frequenta sessões de terapia da fala, duas vezes por semana e outro está referenciado com NEE. Esta criança apresenta atraso global de desenvolvimento com maior défice na linguagem oral.

No entanto, pudemos ainda observar ao longo da nossa prática, que existem algumas crianças que precisam de acompanhamento individualizado pois, embora tenham muita vontade de aprender, possuem muitas dificuldades na realização de tarefas, uma vez que, para além de se desconcentrarem com muita facilidade, precisam de um tempo considerável para efetuar as tarefas propostas.

Em relação ao projeto de sala, a educadora não elaborou nenhum. No entanto, sabemos que a educadora se guia pelo Desenho Curricular para a Educação Pré-Escolar do Agrupamento e realiza planificações mensais, nas quais nos baseamos para a realização do

nosso Projeto de Estágio. A planificação mensal da educadora integra os conteúdos conceituais definidos pela mesma, os procedimentos, os métodos, as capacidades, as destrezas, os valores e as atitudes a trabalhar nas diferentes áreas de desenvolvimento, sendo elas a área de formação pessoal e social, a área de expressão e comunicação e a área de conhecimento do mundo.

Todo o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido com este grupo de crianças parte da construção articulada do saber, tendo em conta as diferentes áreas de conteúdo a contemplar, abordadas de uma forma globalizante e integrada. No desenvolvimento das atividades e projetos a desenvolver ao longo do ano letivo, recorro a metodologias várias tendo em conta as competências a atingir pelas crianças, tais como: M.E.M. (Movimento da Escola Moderna), o High Scope e o Trabalho de Projeto.

### *Projeto de Estágio*

O nosso projeto centrou-se na Natureza e intitulou-se “*O Mundo à Nossa Volta*”. Pretendeu que as crianças explorassem e adquirissem novos conhecimentos sobre o mundo que as rodeia, através de múltiplas atividades que proporcionassem às crianças a oportunidade de ter novas experiências.

Uma característica do projeto que consideramos importante foi a transversalidade. Este projeto abordou diferentes áreas de conhecimento a partir das atividades propostas pois consideramos que todas as áreas de conteúdo eram fundamentais para o desenvolvimento da criança.

Segundo as OCEPE, encara-se a Área do Conhecimento do Mundo como uma sensibilização às diversas ciências naturais e sociais abordadas de modo articulado, mobilizando aprendizagens de todas as outras áreas. Assim, para estruturar e representar a sua compreensão do mundo, as crianças recorrem a diferentes meios de expressão e comunicação.

Apesar de todas as crianças terem fases de desenvolvimento semelhantes entre os 3 e os 5/6 anos, é preciso não esquecer que cada criança é única. Em algumas, o desenvolvimento esperado ocorre mais devagar; noutras é mais rápido do que o habitual. Estas diferenças, normalmente, têm pouco significado; não precisam de ser alvo de atenção, a não ser que uma delas se acentue. O aconselhamento profissional só é necessário se essas diferenças se tornarem excessivas.

Consideramos que a interação com as crianças e com a educadora foram essenciais para conseguirmos pôr em prática o nosso projeto. A análise dos resultados das atividades e da dinâmica das crianças na realização das mesmas também foi um fator fulcral para nós.

## *Síntese/Avaliação do projeto*

Para o grupo de crianças este projeto foi essencial, porque permitiu que estas tivessem contato com experiências diversificadas e pudessem adquirir novas aprendizagens a partir das atividades desenvolvidas, demonstrando bastante interesse e motivação em, praticamente, todas as atividades propostas.

O grau de execução do projeto foi bastante positivo, no sentido em que fomos capazes de articular o projeto, assente no domínio do Conhecimento do Mundo, com praticamente todas as áreas/domínios de conteúdos como nos tínhamos proposto inicialmente. A Expressão Motora e da Expressão Dramática, apesar de ter sido abordada em atividades pontuais, não teve o mesmo “valor” que as restantes áreas/domínios de conteúdos.

De todas as atividades realizadas ao longo do estágio realço essencialmente, duas: a atividade “Árvore da Primavera” e a “Peixes”.

A atividade “Árvore da Primavera” foi uma das atividades que surgiu no âmbito do nosso projeto de estágio e é uma das muitas atividades que reflete o trabalho realizado ao



**Figura 3** - Árvore da Primavera

longo do mesmo. Durante o estágio, tivemos a oportunidade de criar um cantinho relacionado com o nosso projeto de estágio, o “Cantinho da Natureza”, onde tivemos possibilidade de reunir diversas atividades realizadas pelas crianças. Esta atividade foi realizada em grande grupo e todas as crianças tiveram a oportunidade de participar ativamente na realização da mesma.

Outra das atividades que decidimos desenvolver com o grupo foi a “Peixes”, esta atividade surgiu da necessidade de trabalharmos áreas como o conhecimento do mundo e a formação pessoal e social.

Tivemos, assim, a oportunidade de levar para a sala um aquário com dois peixes. Esta atividade foi bastante positiva na medida em que as crianças tiveram a possibilidade de



**Figura 4** - Peixes

escolher, de forma democrática, os nomes dos peixes que iam fazer parte do nosso “Cantinho da Natureza”. Esta atividade despertou bastante a curiosidade das crianças porque, para além de terem adorado a ideia de terem dois animais na sala, todos eles ficaram com a responsabilidade

de ter que cuidar do Faisca e da Flor.

### *Contextualização*

A escola básica do 1.º ciclo onde estagiei, pertence à rede pública do Ministério da Educação e insere-se no Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano.

Na nossa opinião, a instituição preenche quase todos os requisitos que consideramos necessários para um funcionamento adequado. Contudo, é importante destacar alguns aspetos negativos com que nos deparámos, nomeadamente: o facto de não existir nenhum pavilhão desportivo destinado à expressão motora; o facto das salas de aula serem bastante frias e não possuírem nenhum sistema de aquecimento; o facto de o refeitório não possuir grandes dimensões e não conseguir suportar toda a comunidade escolar, tendo de se efetuar turnos para as diferentes turmas e o facto do pavimento do espaço exterior ser em cimento.

Esta instituição funciona de segunda a sexta, das 8:30h às 17:30h, sendo que cada sala possui o seu horário em relação às rotinas.

Não tivemos acesso ao Projeto Educativo da Instituição, mas tivemos acesso ao Projeto Educativo e ao Regulamento Interno do Agrupamento, cuja missão é formar “cidadãos aptos e produtivos, capazes de optarem pela progressão de estudos ou pela integração na vida ativa, por terem frequentado uma Escola onde se aprende a Aprender, a Fazer, a Estar e a Ser, através do Saber”. Os objetivos gerais deste projeto são a promoção da construção de uma educação para todos e a afirmação de uma educação diversificada e diferenciada.

A turma do 1º ano desta instituição é constituída por vinte alunos, catorze do sexo masculino e 6 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos. Dos vinte alunos que compõem esta turma, cinco encontram-se matriculados no 2.º ano, embora acompanhem e efetuem todas as atividades realizadas em 1.º ano. Desses cinco alunos, um possui NEE e por isso é acompanhado pela professora de Educação Especial, durante um certo período semanal. A turma é constituída por alunos de nacionalidade portuguesa, brasileira e moldava.

O Projeto Curricular de Turma é realizado pela professora titular e dá resposta às necessidades educativas e aos ritmos de aprendizagem de cada aluno e da turma, respeitando o princípio da diferenciação pedagógica.

É de salientar a importância da caracterização da turma, pois a mesma é decisiva e determinante para a aplicação dos diversos recursos educativos, metodologias e estratégias, para que os alunos sejam capazes de aprender e desenvolver competências, e para fundamentação justificada e previsível do seu não cumprimento e/ou superação das mesmas.

A nível de conteúdos, é na área do Português que os alunos apresentam maiores dificuldades, apresentando dificuldades ao nível da leitura, uma vez que, por vezes, se verifica que muitas crianças não são acompanhadas e devidamente estimuladas pelos seus encarregados de educação, fora do contexto escolar.

Há que salientar que a professora titular altera o seu plano diário consoante as dificuldades dos alunos. Segundo a mesma, é preferível que se dedique mais tempo num determinado conteúdo até que os alunos o percebam do que passar para outro sem a apreensão do mesmo, por parte dos alunos.

### *Projeto de Estágio*

Quando iniciámos o nosso estágio, encontrávamo-nos um pouco apreensivas com a situação, pois estávamos perante uma turma com notáveis divergências a nível de aprendizagem, ou seja, algumas crianças precisavam de um acompanhamento individualizado por parte da professora cooperante para poderem acompanhar as atividades propostas em sala de aula. Como o nosso principal objetivo era arranjar um projeto que fosse ao encontro das necessidades de todos os alunos, foi-nos muito difícil arranjar um tema até que, em conversa, nos apercebemos que todos os alunos estavam a aprender pela primeira vez (menos os que estavam a repetir o primeiro ano, mas como as planificações desses alunos eram iguais às dos restantes não causaria problema) as letras e que a aprendizagem das mesmas poderia ser feita através de atividades lúdicas.

Deste modo, conversámos de imediato com a professora cooperante e, após a mesma nos ter dado a sua aprovação, começámos a planear o nosso projeto, intitulado “*Vamos começar a ler!*”. Assim, começámos a planificar as diferentes estratégias que iríamos utilizar para trabalhar cada letra com os alunos, tendo sempre em conta que haviam atividades que faziam parte da rotina da professora e que a mesma fazia questão que se continuassem a realizar.

Ensinar a ler é, segundo Celine Marcelino (2008), “ensinar a obter o máximo de significado do material escrito, com a máxima autonomia possível.” Por isso, cabe-nos a nós, profissionais de educação, utilizar diferentes metodologias de ensino e variados recursos pedagógicos para diversificar as práticas pedagógicas para que a aprendizagem por partes dos nossos alunos seja um sucesso.

No nosso ponto de vista é importante que os professores, principalmente os de 1.º ciclo, utilizem estratégias lúdicas e diversificadas para a contribuição da aprendizagem dos seus alunos. Quando estamos perante uma turma de 1.º ano não nos podemos esquecer que os nossos alunos estão habituados a um contexto muito diferente que o de uma sala de aula, e que é nosso dever, como professores, motivá-los para que a sua aprendizagem seja notável. O recurso a diversos materiais ou até a objetos do quotidiano é uma mais-valia para

o contributo da apreensão de novos saberes por parte dos alunos, pois faz com que haja uma quebra na rotina da sala de aula, o que é um motivo que desperta a curiosidade dos alunos, fazendo com que estejam mais atentos.

### *Síntese/Avaliação do projeto*

A nossa principal dificuldade durante as semanas de observação foi, principalmente, saber como íamos lidar com a questão do grupo, eventualmente, apresentar alguns pontos negativos como por exemplo a falta de atenção; falta de concentração e regras. Foi então que ponderamos realizar atividades que os cativassem e, ao mesmo tempo, que lhes transmitissem conhecimentos essenciais para a futura aprendizagem.

Durante a realização do nosso projeto, conseguimos reunir atividades relacionadas com as letras M, V, N, R, C, Q e B. No quadro seguinte encontram-se, de uma forma sintética, as estratégias utilizadas no âmbito do nosso projeto:

Letra M	Letra V	Letra N	Letra R	Letra C	Letra Q	Letra B
Quis	Construção frásica	Brainstorming	Caça ao tesouro	Objetos do quotidiano	Cuquedo	Dominó

Considero que todas estas atividades foram uma mais-valia para a aprendizagem do grupo em questão por terem sido atividades na sua maioria lúdicas. Esse foi, sem dúvida, o nosso principal objetivo: que as crianças adquirissem conhecimentos através do “brincar”, como já referi anteriormente.

Das atividades que referi anteriormente realço essencialmente duas: a atividade “Quiz” e a atividade “Dominó”.

Na atividade “Quiz” decidimos fazer um PowerPoint onde todas as adivinhas fizessem referência à letra M, ou seja, esta atividade foi realizada em grande grupo e tivemos a atenção de realizar uma adivinha para cada criança. Esta atividade surgiu da necessidade de fazermos uma pequena introdução à consoante que iríamos trabalhar ao longo da semana.

1. Qual o fruto da macieira?



Maçã



**Figura 5 - Quiz**

A atividade “Dominó”, contrariamente à atividade “Quiz”, serviu para consolidar conhecimentos acerca da letra B, ou seja, tivemos uma semana a trabalhar a letra em questão e, posteriormente, realizamos um jogo em grande grupo onde todas as crianças tiveram a oportunidade de jogar e participar.

Esta atividade teve que ser moderada por mim e pela minha colega de estágio



porque foi uma atividade que envolveu as vinte crianças da sala, logo surgiu um pouco de barulho ao início, no entanto, considero que foi uma atividade que conseguiu cumprir todos os objetivos pretendidos e as crianças conseguiram, de facto, consolidar os conhecimentos que desejávamos.

Esta atividade também foi uma das que teve melhor feedback por parte da professora cooperante.

**Figura 6** - Dominó

### *Contextualização*

A escola básica do 1.º ciclo situa-se, desde 25 de Setembro de 2004, no concelho e distrito de Santarém e tem como coordenadora a Prof.ª Paula Santos.

O presente estabelecimento educacional aceita crianças com idades compreendidas entre os três e os doze anos.

No que diz respeito a aspetos físicos e materiais da instituição, a mesma encontra-se com uma ótima organização e com ótimas condições a todos os níveis, possuindo um elevador para transportar crianças com NEE. No 1.º piso podemos encontrar a maior parte das salas de aula; sala dos professores; duas salas, sendo uma direcionada para a multideficiência, e outra para sala de apoio; o ginásio; a biblioteca e, por fim, algumas casas de banho. No rés-do-chão podemos encontrar duas salas de jardim de infância; duas salas de aula; o polivalente; o recreio; o refeitório; a sala dos funcionários e algumas casas de banho. Estamos perante um edifício adequado às condições de todas as crianças, incluindo todas as crianças com NEE, pois também possui um sistema de sinais no teto, direcionado aos alunos surdos, com o intuito de avisar as crianças do toque de entrada e saída. No entanto, o único aspeto negativo com que nos deparamos foi o facto de o refeitório não possuir grandes dimensões e não conseguir suportar toda a comunidade escolar, tendo de se efetuar turnos para as diferentes turmas.

O Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano pretende promover uma educação para todos, ou seja, uma educação que assente no respeito pela diversidade, existindo, em simultâneo, uma articulação entre os diferentes níveis de ensino. Todas as atividades realizadas pelo agrupamento Alexandre Herculano encontram-se no Plano Anual de Atividades (PAA), sendo este o primeiro nível de operacionalização de projeto. Este plano visa diretamente a ação educativa, para a qual traça orientações precisas e modalidades em consonância, bem como tem como objetivo desenvolver o nível pedagógico, organizacional, social e relacional dos alunos.

A turma do 4.º ano do 1.º ciclo é constituída por vinte e seis alunos, catorze do sexo masculino e doze do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos. Dos vinte e seis alunos que compõem esta turma, um deles possui NEE e encontra-se na sala de multideficiência acompanhado por uma professora de educação especial. Destes mesmos vinte e seis alunos três são repetentes.

O Projeto Curricular de Turma é realizado pela professora titular e dá resposta às necessidades educativas e aos ritmos de aprendizagem de cada aluno e da turma, respeitando o princípio da diferenciação pedagógica.

É de salientar a importância da caracterização da turma, pois a mesma é decisiva e determinante para a aplicação dos diversos recursos educativos, metodologias e

estratégias, para que os alunos sejam capazes de aprender e desenvolver competências, e para fundamentação justificada e previsível do seu não cumprimento e/ou superação das mesmas.

### *Projeto de Estágio*

No início do período de estágio, encontrávamo-nos um pouco apreensivas, pois não sabíamos ao certo que temática desenvolver. Do nosso ponto de vista, o tema a ser explorado deveria ter a máxima pertinência possível, uma vez que tínhamos como objetivo fazer algo que contribuísse para o desenvolvimento pessoal de cada aluno e sua autonomia bem como desenvolver o trabalho em grupo.

Deste modo, conversámos de imediato com a professora cooperante e, após termos tido aprovação da mesma, decidimos em conjunto o tema para o projeto e, posto isto, chegámos à conclusão, que o mais adequado seria os “*Jogos*”.

Segundo Mota (2009), “embora haja alguma resistência ao uso de jogos no ensino, devemos ter consciência que a sua introdução deve ter uma intenção educativa. Os jogos são um instrumento que podem ajudar a desenvolver competências mas que não dispensam a intervenção do professor para ajudar a desenvolver e a consolidar essas competências.”

Neste sentido, os jogos educativos, revelam a sua importância em situações de ensino-aprendizagem ao fortalecer a construção do conhecimento. Segundo Cabral (2012), “o recurso ao jogo como ferramenta pedagógica tem a ver com o facto de ele ser facilitador do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e fazer parte integrante da vida da criança, sendo uma atividade lúdica fundamental na infância”, assim, introduzindo esses mesmos conhecimentos de forma lúdica, motivadora, possibilitando a criança a experimentar e a descobrir através do trabalho em grupo e da intervenção do professor.

Assim, podemos afirmar que o jogo é um material com uma enorme potencialidade pedagógica, que faz dele um importante recurso a ser utilizado no ensino-aprendizagem. Segundo Cabral (2012), “a escola deve assim proporcionar um ambiente afetivo, essencial para que as crianças se sintam bem na escola” e para que isso aconteça é necessário que os alunos se sintam motivados, através de diversas estratégias de ensino.

### *Síntese/Avaliação do projeto*

As dificuldades que sentimos em relação aos alunos e sua gestão prendeu-se com a planificação e a avaliação. Este grupo era bastante interessado e, por vezes, não conseguíamos completar a planificação que tínhamos planeado devido às várias questões colocadas pelas crianças.

É importante dizer que a nossa principal dificuldade foi delinear um fio condutor que oferecesse ao trabalho um carácter de projeto, porém, esta dificuldade foi sendo ultrapassada, no sentido em que tentámos interligar algumas atividades de diferentes áreas. Contudo, não foi possível realizar um projeto efetivo porque o tempo era demasiado curto, como tal, foi-nos pedido pela professora cooperante que seguíssemos os conteúdos propostos pela mesma no projeto curricular de turma.

Em termos de atividades destaque, essencialmente, duas que considerei bastante interessantes: o jogo da glória “Que horas são?” e o jogo “Os caçadores de palavras!”.

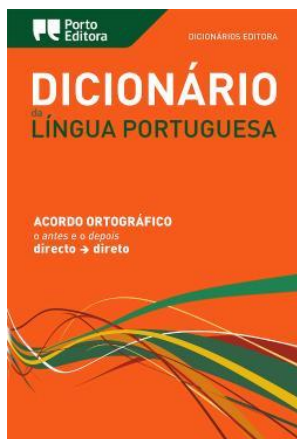
No jogo da glória “Que horas são?” inicialmente, começamos por informar os alunos que iriam realizar um jogo de tabuleiro (realizado pela professora estagiária) em grupos de 6 elementos. De seguida, iriam ser distribuídos a cada grupo um tabuleiro de jogo, um dado, os peões respetivos e as cartas do jogo. A temática deste jogo consistia nas medidas de tempo, ou seja, os alunos teriam que responder corretamente às perguntas apresentadas nos cartões de modo a poderem seguir em frente no jogo. Os alunos que não respondessem corretamente à pergunta ficariam na casa onde se encontravam. A avaliação



**Figura 7** - Jogo da glória

foi feita de duas formas: pelas próprias crianças e por nós - estagiárias. Pela própria turma que, após observar o desempenho de todos os colegas, acabou por realizar uma autoavaliação de todos os participantes. Por nós que avaliamos a participação, empenho e motivação.

O jogo “Caçadores de palavras!” surgiu no seguimento do texto “O caçador de palavras” do manual de português. Após os alunos realizarem a leitura do mesmo, chegaram à conclusão que desconheciam o significado de algumas palavras. Foi então que as professoras estagiárias apresentaram um saco que continha uma série de palavras



**Figura 8** - Dicionário

(umas do texto e outras escolhidas previamente pelas professoras estagiárias) e iriam distribuí-las aleatoriamente pelos alunos. Cada aluno ficou com 3 palavras (ex: nefelibata, abstruso) e devia consultar o dicionário para descobrir o seu significado e escrevê-lo no caderno diário.

A avaliação desta atividade foi realizada pelas professoras estagiárias de modo a perceber se os alunos dominavam corretamente o uso do dicionário.

## **Avaliação do Percorso de Aprendizagem**

### **Creche**

Em contexto de creche, os aspetos da prática profissional onde considero que atingi um bom nível de competência foram na forma de organizar o grupo, a relação com o mesmo e a rápida execução de estratégias caso ocorressem imprevistos que impedissem a realização de algo previamente destinado, como mudança rápida de atividades e/ou atividades de improviso.

Um dos aspetos que considero que deva melhorar é o modo de contar histórias para uma melhor captação da atenção das crianças. Devo ainda aprofundar o meu conhecimento relativamente às canções infantis para poder, futuramente, interagir com maior prontidão e integrar-me num grupo com maior coesão. Quanto à planificação das minhas intervenções, mesmo integrada no grupo, suponho que consegui atingir os objetivos, apesar de ter tido algumas dificuldades na construção das mesmas devido ao facto de a educadora não dar qualquer tipo de feedback à realização das mesmas.

A maior dificuldade relativamente às situações pedagógico-didáticas surgiu na adaptação ao método utilizado nesta instituição. Exemplificando, não consegui entender por que razão, relativamente às cores, não se pode utilizar o vocábulo “vermelho”, sendo, por isso, obrigatório dizer “encarnado”.

Outra dúvida que me surgiu foi o facto de ter obrigatoriamente que realizar uma “ficha de trabalho” por cada criança e por cada atividade orientada realizada, para apresentar aos pais, quando na realidade o objetivo principal deveria ser a aplicação e o empenho da criança nessa mesma atividade, independentemente do trabalho em si.

Contudo, acho que este estágio foi bastante importante na medida em que, mais tarde, poderei vir a trabalhar neste contexto. É importante referir, que apesar de já ter realizado estágio na valência de creche, acho que ainda tenho muito para aprender relativamente ao trabalho que é desenvolvido neste mesmo contexto, nomeadamente, aprendizagem de canções; a dinâmica da sala; a forma de planificar.

Para concluir, posso afirmar que gostaria de ter tido mais tempo de estágio para me poder consciencializar das competências que as crianças são capazes de fazer ou não em certas atividades. Esta foi, sem dúvida, uma das grandes dificuldades que senti no decorrer do estágio, por serem idades tão tenras. Tive alguma dificuldade em encontrar atividades que fossem adequadas à faixa-etária, no entanto, acho que, futuramente, terei oportunidade de limar essa lacuna com a experiência que pretendo ganhar.

Em contexto de jardim de infância, os aspetos da prática profissional onde considerei que não atingi o meu nível de competência foram a organização do tempo na sala e, principalmente, a adaptação à flexibilidade inerente às planificações. Quando acontecia algum imprevisto, ficava um pouco ansiosa por não conseguir cumprir o que estava previsto na minha planificação, no entanto, posso afirmar que nem sempre se tornava um facto negativo, ou seja, dava-me a hipótese de reverter a situação ou então de a solucionar.

Contudo, posso afirmar que existem pontos que consegui dominar na minha prática, como por exemplo: organização do grupo e chamá-lo à atenção; organização durante as atividades em grupo ou individuais; a relação com as crianças e a flexibilidade existente durante as atividades orientadas.

Tive também bastante capacidade de organizar as atividades de forma a dar-lhes um sentido lógico, estabelecendo um “fio condutor” que fosse transversal entre as atividades, dando-lhes um sentido - projeto.

Considerei que o meu empenho em estágio foi muito bom, podendo assim atingir as expectativas da educadora cooperante. No entanto, considero que ainda tenho um longo caminho pela frente e que ainda me falta aprender muita coisa relativamente à minha futura prática como educadora de infância.

Posso afirmar que neste momento o meu balanço relativamente a este estágio é bastante positivo. O meu ponto forte neste estágio foi as relações que criei com as crianças e com toda a comunidade escolar. Este ponto foi uma mais-valia para que o meu estágio fosse bem-sucedido em todos os aspetos. É de relevar que ainda tenho algumas dificuldades em planificar, pois nunca tinha estado com um grupo multietário e considerei que tive algumas dificuldades nesse aspeto, no entanto, acho que consegui ultrapassar essa dificuldade com a ajuda da minha colega de estágio e da educadora cooperante.

Existiram algumas situações pedagógico-didáticas em que me senti mais à-vontade como por exemplo na realização das atividades: a construção do aquário; o painel do cravo; árvore genealógica da família; o jogo da mimica relativamente às profissões; a visita ao bairro; o circuito da matemática e o painel da árvore relativamente à primavera. Durante estas seis semanas pude concluir que tanto eu como a minha colega de estágio conseguimos avaliar a intervenção pedagógico-didática do ponto de vista do cumprimento dos objetivos definidos e da aprendizagem das crianças.

Todas as questões/dúvidas/dificuldades que apresentei aqui na minha reflexão, foram dúvidas que me preocuparam em alguns momentos deste percurso, no entanto, optei por falar sempre com a educadora cooperante e com a minha colega de estágio de modo a conseguir ultrapassar essas lacunas. O facto de puder expor as minhas dúvidas à educadora foi uma mais-valia pois encontrei sempre resposta às mesmas.

## 1.º Ciclo do Ensino Básico – 1.º ano

Em contexto de 1.º CEB, os aspetos da prática profissional onde considerei que atingi um bom nível de competência foram nas aprendizagens realizadas ao longo do estágio, como por exemplo, tive a possibilidade de corrigir as fichas de avaliação dos alunos sobre a supervisão da professora cooperante que ainda me ensinou a colocar as avaliações na pauta destinada às mesmas. Esta foi uma aprendizagem fundamental para a minha futura prática profissional enquanto professora, pois eu não tinha noção da complexidade que existe neste trabalho e o quanto é importante. A professora cooperante deu-nos ainda a hipótese de assistir às reuniões de avaliação com os encarregados de educação, tendo sido esta também uma aprendizagem fundamental, pois para mim foi bastante importante observar as estratégias utilizadas pela docente em cada momento e com cada encarregado de educação em particular.

Um aspeto da minha prática que considero menos positivo prendeu-se com o facto de, por vezes, não ter conseguido cumprir alguns objetivos que estabeleci nas minhas planificações. De facto, por diversas vezes, não consegui cumprir com o plano de aula, em virtude de ter de dedicar mais tempo para explorar determinado conteúdo que requeria mais treino, como por exemplo, o estudo do fonema “R” e “RR” para que ficasse bem consolidado.

Inicialmente, quando estas situações aconteciam, ficava nervosa e um pouco apreensiva e questionava-me se as atividades tinham corrido bem e sobre as causas/motivos de não o conseguir, refletindo sobre a minha prática. Mais tarde, em conversa com a professora, apercebi-me que estas situações são bastante recorrentes e que cabe ao professor adaptar a sua prática, adaptar o currículo ao que acontece na sala de aula, que por mais que tentemos fazer uma previsão do que se possa passar em sala de aula, o tipo de dúvidas/questões que podem surgir (que é um trabalho fundamental), nunca sabemos ao certo como de facto se vai proceder o processo de ensino-aprendizagem.

Uma das principais aprendizagens que obtive foi, sem dúvida, a de perceber que cada aluno é um ser individual, e como tal requer uma atenção individualizada. Cada aluno tem a sua maneira de se expor perante o mundo; cada aluno reage de forma diversificada face a determinada situação e, neste sentido, é imprescindível que o professor, nestas idades, dê espaço para que os alunos se exponham, espaço para que partilhem com os restantes colegas factos e curiosidades do seu dia-a-dia.

O estágio possibilitou-me ainda perceber a pertinência dos trabalhos de casa, na medida em que só se tornam úteis quando devidamente acompanhados fora do contexto escolar. Não devem ser excessivos e sistemáticos, devem sim, ser poucos, mas, consistentes com o objetivo de consolidarem a matéria lecionada.

Em contexto de 1.º CEB, os aspetos da prática profissional onde considerei que atingi um bom nível de competência foi na organização e gestão da sala de aula e ainda na relação que fui estabelecendo ao longo do estágio com os alunos.

Relativamente às minhas duas semanas de intervenção, pude verificar que a minha primeira semana correu menos bem em relação à segunda. Durante a primeira semana senti algumas dificuldades ao lecionar alguns conteúdos, nomeadamente, a interação com os alunos tanto a nível do português como a nível do estudo do meio. É importante referir que todos os conteúdos devem ser previamente trabalhados e estudados pela professora estagiária, e eu senti que não consegui passar a informação que pretendia e essa foi uma das lacunas. No entanto, senti que esse tem que ser, de facto, um aspeto a melhorar e a ser trabalhado previamente de modo a que no momento não sinta tantas dificuldades no decorrer da aula, como por exemplo, na interação com os alunos em conteúdos mais complexos. Devo também ter atenção aos materiais e às construções dos mesmos, de modo a ter uma boa dinamização com os alunos e para que, no final, não hajam dúvidas no que foi tratado.

Na segunda semana senti mais dificuldades em diversificar a planificação e no modo como iria avaliar os alunos. Assim optei por realizar duas fichas de revisões para as áreas curriculares de português e de matemática mas, mais tarde, pude observar que poderia ter realizado outras atividades mais práticas com o mesmo objetivo de fazer revisões acerca dos conteúdos já lecionados anteriormente. Porém, não sabia como realizar essas atividades mais práticas para fazer as revisões que a professora cooperante me tinha pedido, tendo em conta que se tratava de um 4.º ano. Infelizmente, este estágio não correu de todo como esperava, mas espero vir a melhorar todos estes aspetos no decorrer da minha futura prática profissional.

Em relação aos aspetos menos positivos com que me deparei, irei debruçar-me somente nos que dizem respeito ao trabalho realizado em sala de aula. Um aspeto da minha prática que considero menos positivo prendeu-se com o facto de, por vezes, não ter conseguido cumprir alguns objetivos que estabeleci nas minhas planificações. De facto, por diversas vezes, não consegui cumprir com o plano de aula, em virtude de ter de dedicar mais tempo para explorar determinado conteúdo que requeria mais treino, para que ficasse bem consolidado. Inicialmente, quando estas situações aconteciam, ficava nervosa e um pouco apreensiva e questionava-me se as atividades tinham corrido bem e sobre as causas/motivos de não o conseguir, refletindo sobre a minha prática.

## Percurso Investigativo

A problemática que considerei pertinente investigar foi acerca dos conflitos que surgiam no dia a dia entre as crianças em contexto escolar. Esta problemática surgiu logo no decorrer do primeiro estágio em contexto de creche e veio a alargar-se aos restantes contextos por onde fui passando, como por exemplo, brigas entre crianças e/ou alunos.

Apesar de não me identificar com alguns métodos na resolução de conflitos que fui observando ao longo destes quatro semestres, posso afirmar que houve um deles que me deixou um tanto ou quanto curiosa pela implementação do mesmo. No contexto de creche a educadora optava por deixar que as crianças resolvessem por si o conflito, no entanto, muitas vezes, as crianças acabavam por se bater e até mesmo morder.

Na minha opinião, esse método não é, de todo, o mais eficaz principalmente em idades tão tenras, embora não tenha ainda adquirido matéria suficiente para saber abordá-la. Para mim, quando as crianças já se encontram a frequentar o jardim de infância e quando existe algum tipo de conflito, opto sempre por incentivá-las a sentar-se e a refletir sobre a ação praticada, levando as crianças à resolução do mesmo. Segundo Costa “no que aos pares diz respeito, o papel do educador de **facilitador das interações** e de **mediador do conflito** parece ser especialmente importante em idade pré-escolar.” (2003, p.165)

Para que pudesse começar a investigar esta problemática, formulei algumas questões, emergentes da minha prática em contexto de creche: Será que deixar as crianças resolverem por si o conflito é a melhor maneira de solucionar a situação?; Será que a longo prazo as crianças vão saber lidar com o conflito?; Será que os adultos não deveriam levar as crianças a refletirem sobre os atos praticados?

Após formular algumas destas questões, senti necessidade de saber mais acerca desta problemática e daí surgiu a minha componente investigativa. Como futura educadora de infância e professora de 1.º ciclo do ensino básico achei bastante importante investigar mais acerca desta questão, de modo a saber intervir, um dia mais tarde, quando exercer a profissão. Acho fundamental um profissional da educação saber resolver e gerir situações de conflito para que, posteriormente, as crianças tenham consciência e sensibilidade para resolver algumas situações que possam surgir ao longo da vida.

Foi então que surgiu a questão da minha componente investigativa e que me permitiu abranger uma problemática que foi transversal aos três contextos de estágio e é, sobretudo, um tema com o qual não soube lidar.

Considero assim de bastante importância a componente investigativa desta pesquisa, pois centra-se numa problemática que cada vez está mais presente no contexto escolar e acaba por ter um grande impacto nos primeiros anos de escolaridade.

Como tal, penso que é fundamental dotar-me de todos os fatores enunciados anteriormente, mas também basear-me em factos práticos dos contextos de estágio e nas

entrevistas realizadas a várias educadoras de infância e professoras do 1º ciclo do ensino básico com experiência profissional.

## Parte II – Componente Investigativa

### 1. Contextualização da pesquisa

#### 1.1. Questões orientadoras e objetivos de pesquisa

A componente investigativa que resultou das questões orientadas ao longo dos quatro semestres de estágio e que vai ao encontro de uma das minhas dúvidas/preocupações é a gestão de conflitos no âmbito educativo, principalmente no contexto de sala.

A questão de partida que deu origem a esta componente investigativa foi a seguinte: *Como se desenvolve o processo de gestão de conflitos em contexto pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico?*

Esta componente investigativa tem implícitas as seguintes questões orientadoras: Que tipo de conflitos ocorrem entre as/os crianças/alunos em contexto de sala?; Quais as estratégias que habitualmente adotam na resolução de conflitos?; Em que medida esse conflitos afetam o ensino-aprendizagem das/dos crianças/alunos?; Existe necessidade de haver formações específicas neste âmbito?.

Para responder a estas questões foi necessário definir objetivos que, posteriormente, direcionaram a pesquisa:

- Caracterizar os vários tipos de conflitos em contexto pré-escolar e primeiro ciclo;
- Identificar os principais intervenientes nos conflitos existentes;
- Identificar o papel do adulto na gestão de conflitos;
- Compreender quais as estratégias que adotam na resolução de conflitos;
- Identificar as principais dificuldades na operacionalização das estratégias;
- Perceber qual o papel do conflito no desenvolvimento da aprendizagem.

#### 1.2. Metodologia e tipo de estudo.

A metodologia que adotei para a realização da pesquisa foi o método de investigação qualitativa, pois, ao contrário da investigação quantitativa, esta dava-me a vantagem de gerar boas hipóteses de investigação devido ao facto de utilizar técnicas como a entrevista.

*A investigação qualitativa centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes ou os valores. Não existe uma preocupação com a dimensão da amostra nem com a generalização de resultados, e não se coloca o problema da validade e da fiabilidade dos instrumentos, como acontece com a investigação quantitativa. (Sousa & Baptista, 2016, pp. 56)*

A entrevista semi-estruturada faz parte dos tipos de entrevistas que se podem realizar dentro da investigação qualitativa, como tal, foi escolhida porque é a metodologia

que permite ao entrevistado exprimir a sua opinião de modo livre acerca do tema em questão.

*Entrevista semi-estruturada – Já tem guião, com um conjunto de tópicos ou perguntas a abordar na entrevista. Também dá liberdade ao entrevistado, embora não o deixe fugir muito ao tema. O guião pode ser memorizado ou não memorizado. Tem a vantagem de falar dos assuntos que se quer falar com maior liberdade e rigidez para o entrevistado. (Sousa & Baptista, 2016, pp. 80)*

Em relação à seleção das docentes, escolhi entrevistar duas educadoras de infância e duas professoras de 1.º ciclo do ensino básico. Uma das educadoras de infância que entrevistei era a cooperante do estágio de jardim de infância e uma das professoras era a cooperante do estágio em 1.º ciclo do ensino básico – 1.º ano. As restantes entrevistadas foram a minha educadora de infância e por último, uma professora de 1.º ciclo do ensino básico.

Esta seleção foi feita devido a vários fatores que considerei fundamentais para as entrevistas, nomeadamente, serem educadoras e professoras com quem já tive o privilégio de contactar diretamente e, sobretudo, o facto de todas elas já terem tido vários casos de gestão de conflitos.

A escolha das duas primeiras participantes deveu-se ao facto de terem sido ambas minhas cooperantes e também ao facto de ambas lecionarem num contexto onde a gestão de conflitos é uma constante no dia a dia destas docentes. Por coincidência, todas as participantes lecionam no concelho de Santarém. Como tal, achei que seria interessante comparar as experiências destas docentes que lecionam no mesmo concelho para perceber se há uma grande desigualdade de opiniões acerca desta temática.

**Tabela 1** - Caracterização das participantes

Identificação das participantes	Concelho onde leciona	Contexto de ensino	Anos de serviço
A.C.	Santarém	1.º CEB	Vinte e nove
L.J.	Santarém	Pré-escolar	Vinte e seis
M.R.	Santarém	Pré-escolar	Trinta e cinco
A.F.	Santarém	1.º CEB	Trinta e nove

Foram assim, entrevistadas duas educadoras de infância e duas professoras do 1.º ciclo do ensino básico de dois agrupamentos de escolas de rede pública. As quatro participantes têm idades compreendidas entre os 45 e os 60 anos.

As entrevistas foram realizadas durante o horário letivo das mesmas. As docentes foram todas entrevistadas no período da manhã, entre as 10:30h e as 12:30h. Esta recolha

de dados foi feita através de gravação áudio, sendo que, mais tarde, foram transcritas na íntegra para que pudessem ser analisadas e comparadas entre si, de forma a garantir uma maior eficácia dos dados recolhidos, bem como, a comparação dos mesmos.

### 1.3. Recolha e análise dos dados.

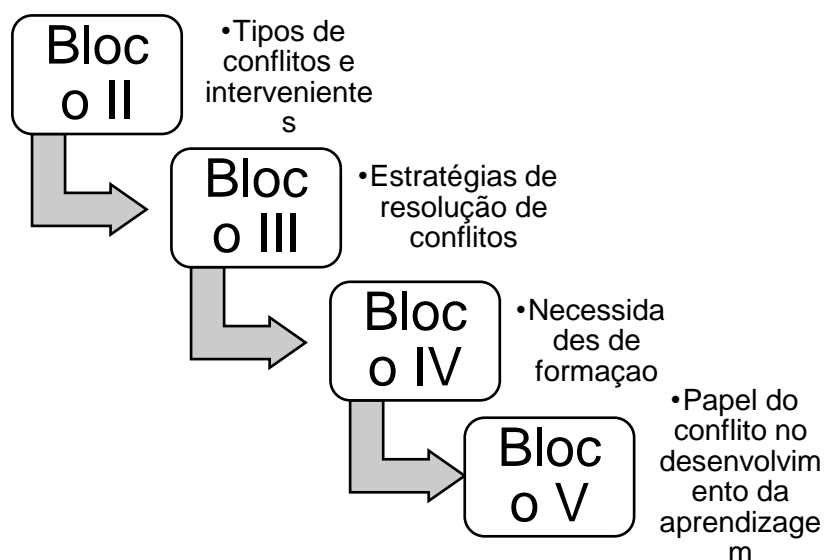
Os instrumentos utilizados para a recolha de dados foram: o guião de entrevista (anexo I) e o guião de análise (anexo III). Escolhi o guião de entrevista, porque considero ser o procedimento mais adequado para o objetivo deste estudo – registar as conceções e perceções das docentes acerca da gestão de conflitos.

*O guião de entrevista é um instrumento para a recolha de informação na forma de texto que serve de base à realização de uma entrevista. O guião é constituído por um conjunto (ordenado ou não) de questões abertas (resposta livre), semi-abertas (parte da resposta fechada e outra livre) ou fechadas. (Sousa & Baptista, 2016, pp. 83)*

O guião de entrevista (anexo I) apresenta algumas vantagens na sua utilização, tais como: permite recolher informação muito rica; apresenta um bom grau de profundidade; permite definir dimensões relevantes de atitude e avaliá-las melhor e, por último, ainda pode ser flexível, no sentido em que permite verificar se ambos os intervenientes compreendem o significado das palavras e o sabem explicar.

Para estudar a informação recolhida através das entrevistas realizadas, formulei um guião de análise (anexo III) que me permitiu sintetizar as respostas de cada entrevistada a cada questão. Foi assim que, posteriormente, consegui comparação das respostas dadas pelas entrevistadas de modo a facilitar a análise dos dados recolhidos.

Tendo em conta os objetivos desta componente investigativa acima mencionados, organizei o seguinte guião de entrevistas:



**Esquema 1 - Guião de entrevista**

Terminadas as entrevistas (anexo II) com base no guião apresentado, procedi à análise dos dados detalhadamente, tentando obedecer o mais possível aos critérios de registo das respostas às questões da entrevista.

*Após a recolha de informação, o investigador terá necessidade de proceder à sua selecção. Não sendo possível analisar toda a informação recolhida, o investigador terá de seleccionar aquela que tem maior importância e que seja relevante para dar resposta às questões da investigação. (Sousa e Baptista, 2016, pp. 107)*

## 2. Fundamentação teórica da componente investigativa

### 2.1. Definição de conflito

Numa visão mais geral, no Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (1985, p. 645), o conflito é definido como “embate de pessoas que lutam”, “discussão injuriosa”, “barulho”, “desordem”, “conjuntura, momento crítico”, “altercação”, “luta”. Já numa edição mais recente pude observar que a definição de conflito foi evoluindo ao longo dos tempos. No Dicionário da Língua Portuguesa (2011), o conflito é determinado como “choque de elementos contrários”, “discórdia”, “oposição”, “luta entre dois poderes com interesses antagónicos”, “guerra”. Após procurar a definição mais geral do termo conflito pude constatar que esta palavra envolve tanto os confrontos físicos como os psicológicos, tratando-se assim de descrições contrárias.

Segundo Chrispino, o “conflito é toda a opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento.” (2007, p. 15). Para este autor o conflito acontece devido à incompatibilidade de ideias e opiniões entre pares.

Também, segundo o autor acima referido, existem conflitos na comunidade escolar, tanto entre alunos como a nível dos professores e dos seus dirigentes.

Para Costa, “conflito, violência, rebeldia, indisciplina” são conceitos que se opõem a “harmonia, paz, cooperação, conciliação”. (2003, p.78)

Porém, salienta que o conflito é uma realidade inalienável no quadro das relações sociais, “sem o qual qualquer evolução se tornaria impossível”. (2003, p. 78)

A autora refere-se à tese apresentada por (Gomes, 1998) que defende que a cooperação é uma “situação adequada ao contexto escolar, mais propriamente à sala de aula, e o conflito como uma situação a evitar e a suprimir!” (2003, p.78)

Para a autora, este é um modelo que regressa às perspetivas tradicionais da análise organizacional, cuja função é “educar as novas gerações em torno de valores determinados e no quadro de relações de poder consideravelmente assimétricas.” (2003, p.78). A autora refere também as várias teorias do conflito que emergiram nos anos 70, na área da sociologia da educação. Nesta década, a educação constitui o campo privilegiado das várias teorias, levando a que fossem estabelecidas várias formas de olhar para o que ocorre na escola.

Quanto ao conflito em contexto de sala de aula, somos remetidos, segundo Costa, para a problemática das “relações de poder entre professores e alunos e, simultaneamente, [nos] ajuda a compreender como se concretizam nas escolas certas formas de manutenção da ordem e do controlo social.” (2003, p.84)

Segundo Costa (2003), “o conflito é um processo transversal, responsável pela mudança em todos os níveis da vida social quer em termos macrossociais quer em termos

micro: pessoal, interpessoal, familiar. Ele é inerente à nossa condição humana enquanto sujeito de relação.” (p. 114)

## **2.2. Indisciplina VS disciplina**

Conforme Picado, os problemas de indisciplina na sala de aula remontam a tempos imemoriais, sendo estes problemas considerados os mais perturbadores, até mesmo por docentes já bastante experientes. Como afirma o autor “As relações na escola mudaram, tornando-se mais conflituosas. Muitos professores não souberam encontrar novos modelos de convivência e de disciplina. Diversas investigações apontam o comportamento de indisciplina do aluno ou a falta de interesse na aula como o principal factor de mal-estar e de permanente stress vivido pelos docentes.” (2009, p.2)

Segundo o autor e de acordo com a perspectiva de (Campos, 1989) “Nas escolas, existem todo um sistema de regras que contribuem para determinar o comportamento das crianças e o conjunto desses deveres constitui aquilo a que se chama disciplina escolar. Diversas correntes pedagógicas afirmam que a disciplina é um meio que visa atingir os objectivos a curto prazo e a longo prazo, no desenvolvimento pessoal, do ponto de vista intelectual, social, cívico e moral.” (2009, p. 3)

A problemática das dificuldades comportamentais pode acontecer até nas melhores turmas “quando os problemas de comportamento na sala de aula parecem dever-se ao comportamento de um aluno, o professor precisa mais que impor-lhe sanções ou submetê-lo rigidamente a um controlo externo, compreender o aluno para descobrir as causas e os motivos da não conformidade.” (2009, p.4)

Picado afirma ainda que, sem querer desculpar o comportamento de um determinado aluno, verifica-se que só o podemos entender se levarmos em consideração a organização psicológica do aluno em causa bem como as ações do outro em relação a ele. Segundo o autor, “não existem receitas prévias que possibilitem determinar quais as técnicas a usar em função de presumíveis situações” (2009, p. 4) Neste perspectiva, não existe um filtro que possa definir o sucesso ou o fracasso das diferentes técnicas em sala de aula.

A abordagem comportamental sugere várias técnicas tais como: o reforço social, que consiste em dar ao sujeito uma resposta logo após um determinado comportamento. Normalmente, são estímulos fáceis como um sorriso, uma frase positiva; outra técnica é a punição – a aplicar quando existe tendência a repetir um comportamento menos correto. Pode também recorrer-se a trabalho suplementar mas não é muito aconselhável, na opinião do autor, pois pode ter influência no comportamento do aluno.

Para Picado, os problemas da relação professor/aluno podem conduzir a problemas de indisciplina bastante complexos que poderão depender de várias variáveis de ordem psicológica e social, relacionadas com a organização das escolas. Estas técnicas têm por

objetivo auxiliar professores na suplantação dos problemas disciplinares, prevenindo que pequenos problemas se tornem situações de indisciplina.

Segundo Brazelton, “a disciplina é uma dádiva que surge logo a seguir ao amor que os pais devem dar aos filhos.” (2013, p. 291) Porém, surgem imediatamente as questões: “em que idade se começa a disciplinar?, que castigos deverão ser aplicados?” (2013, p.292). Estas questões levantam problemas aos pais, sendo por isso, uma tarefa difícil.

No caso em que ambos os pais trabalham, não desejam, no pouco tempo que têm para usufruir das crianças, infligir castigos, mas, precisamente, é nesse pouco tempo de convívio juntos, que as crianças desejam experimentar comportamentos provocatórios, visto que se sentem seguros e num ambiente de amor.

Muitos pais não querem transmitir aos filhos os castigos que lhes foram infligidos na infância, por ainda lhes povoar a memória. Foram, muitas vezes, oprimidos e alguns até viveram experiências dolorosas. No caso destes pais, vão ter de enfrentar conscientemente essas memórias dolorosas para que possam enfrentar as necessidades disciplinares das suas crianças.

Para Brazelton, “disciplinar significa «ensinar», e não castigar”. “O castigo pode ser necessário à disciplina em certas ocasiões, mas deve seguir-se imediatamente ao mau comportamento que lhe deu origem, deve ser breve e respeitar os sentimentos da criança.” (2013, p.292)

Na opinião do autor, as crianças sentem que necessitam de disciplina e é por isso mesmo que muitas vezes abusam para obrigarem os pais a estabelecer limites. Quando não há disciplina as crianças começam a ficar mimadas, tornando-se ansiosas e, assim, necessitam de um modo firme mas, ao mesmo tempo, compreensivo.

O uso da disciplina, na opinião do autor, não representa uma ameaça à personalidade da criança, antes pelo contrário, faz parte da sua tarefa de aprender sobre ela própria. A autodisciplina passa por três fases: experimentar os limites; arrelhar os outros e interiorizar os limites desconhecidos.

Segundo o autor, a disciplina deve ser guardada para os assuntos realmente graves e, nesses casos, “serão capazes de ser firmes e decisivos, e assim a criança saberá isso e a vossa disciplina resultará. Esta resulta quando a impomos convictamente e quando a criança sente que é importante para ela respeitar a decisão dos adultos. O seu desejo intrínseco de procurar limites irá então ao encontro do desejo dos pais quando ela se expõem ou expõem os outros à dor ou ao perigo.” (2013, p.294)

### **2.3. Mediação e resolução de conflitos**

Segundo Chrispino, relativamente à mediação do conflito, o autor define mediação como “o procedimento no qual os participantes, com a assistência de uma pessoa imparcial – o mediador –, colocam as questões em disputa com o objetivo de desenvolver opções,

considerar alternativas e chegar a um acordo que seja mutuamente aceitável.” (2007, pp. 22 – 23)

Segundo Morgado & Oliveira “A escola, com as suas especificidades de natureza organizativa, as nem sempre harmoniosas relações com as finalidades educativas da sociedade e a inevitável ressonância da conflituosidade social, é um campo propício à emergência do conflito. Daqui se depreende a necessidade de educar gerações, e todo o corpo educativo na resolução criativa e nos benefícios da gestão construtiva dos conflitos.” (2009, p. 47).

Com base neste contexto e de acordo com a Association for Conflict Resolution (2002, p. 1) existem programas de educação para a resolução de conflitos que dão a conhecer aos alunos a dinâmica do poder e providenciam uma compreensão básica sobre a natureza do conflito e de como a nossa cultura representa um papel na maneira como o resolvemos. Muito importante é, para as autoras, o contributo da mediação para a resolução dos conflitos, visto que a intervenção de uma terceira pessoa confere confidencialidade ao processo, para além de neutralidade, e também um carácter pedagógico. Em conclusão, as autoras defendem o debate para a resolução de conflitos na escola de modo a responder com eficácia à questão “o que fazer e como fazer?”.

#### **2.4. Soluções para a resolução de conflitos**

O papel do conflito no trabalho sobre as questões do género no jardim de infância e na escola tem sido analisado e desenvolvido por uma equipa da Escola Superior de Educação de Santarém que assenta o seu trabalho na análise das práticas pedagógicas e na análise do discurso das crianças e dos próprios docentes sobre a questão de género e cidadania.

Segundo Cardona, Uva & Piscalho face aos dados já recolhidos, realçam que “cada vez se torna mais evidente que é sobretudo na organização do grupo, na forma como é feita a gestão das interações e dos conflitos que naturalmente emergem na vida da classe, que se verificam as principais dificuldades dos/as docentes.” (2011, p.2)

Com base no estudo de Xésus Jares (2002: 42), as autoras também apoiam a três teorias subjacentes à definição de conflito: “as que se centram ou dão preferência à dimensão estrutural da organização, as que se centram ou dão preferência às condutas dos indivíduos e as que combinam as duas perspectivas.” (2011, p.3)

Para melhor trabalhar as situações conflituantes as autoras propõem o uso da filosofia para crianças, visto que o diálogo e a discussão são um meio privilegiado para a abordagem das questões. Deve entender-se “discussão” como uma estratégia que assenta na interação oral ativa entre a criança e o educador/a.

Em conclusão, as autoras defendem que “os conflitos podem ser perspectivados de forma diferenciada e, acima de tudo, de forma positiva e pedagógica.” Porque “tomar consciência do conflito e trabalhá-lo no seu sentido educativo é fundamental para o

desenvolvimento e aprendizagem de crianças e adultos, de alunos/as e docentes.” (2011, p.7)

Assim, em jeito de conclusão, verifica-se que o conflito estará sempre presente quer a nível da manifestação física, como sejam os casos de agressões, como também a nível emocional que se reflete nas mudanças comportamentais e também na motivação ou não, das atitudes que as crianças possam vir a manifestar.

### 3. Apresentação dos dados recolhidos

Relativamente aos tipos de conflito que ocorrem entre as/os crianças/alunos em contexto de sala de aula (bloco II), as diferenças não são muito significativas, pois, as entrevistadas acabaram por descrever tipos de conflitos bastante semelhantes. A professora do ensino básico A.C afirmou que os tipos de conflitos mais frequentes são:

*“Ou porque ele roubou-me o lápis; ou porque me tirou a borracha; porque não me dá o afia; porque me está a estragar os marcadores; deu-me pontapés debaixo da mesa; ele chamou-me nomes.”*

Comparativamente à educadora de infância L.J esta enumerou os seguintes tipos de conflitos existentes:

*“Gestão das emoções, da partilha de brincadeiras, dificuldades na aceitação da autoridade dos adultos gera conflito; a criança não aceita o que adulto está a sugerir que faça. Respeito pelos adultos e pelo outro, em algumas crianças se vem a notar que o conflito também na gestão de sala de aula surge muito pela falta de respeito pelo outro.”*

Quanto à educadora de infância M.R descreveu os tipos de conflitos existentes sendo:

*“querem o mesmo brinquedo, porque querem o mesmo lugar para se sentar, porque querem ir à frente, porque o outro não lhe dá o que eles querem, porque não são amigos, deste género de conflitos.”*

Por fim, na visão da professora do ensino básico A.F, os conflitos ocorrem devido:

*“muitas vezes surgem conflitos em sala de aula que têm a ver, às vezes, com a disputa de materiais, outra vezes com problemas que já vêm do recreio ou do intervalo ou até mesmo de fora da escola e que, muitas vezes, se refletem também em sala de aula.”*

No que diz respeito aos principais intervenientes na resolução de conflitos, a professora do ensino básico A.C considera ser:

*“É a razão e a persuasão, temos que lhes fazer ver a razão muitas vezes através do caminho da persuasão. [...] O professor e eles próprios. Eles próprios tem que muitas vezes, através do professor, chegar à conclusão das asneiras que fizeram. [...] As auxiliares muito em contexto de intervalo e de almoço. Outros docentes, a docente de educação especial se tiver na sala, a psicóloga, temos uma psicóloga na escola ao serviço da escola...”*

Já a educadora de infância L.J considera que os principais intervenientes são:

*“os adultos, quer seja a educadora, professor ou as auxiliares. [...] Os pais, a família.”*

No entanto, a educadora de infância M.R atenta que:

*“opto muito por serem eles a resolverem os conflitos quando têm a mesma idade embora, tenha grupos heterogêneos de três, quatro, cinco e seis anos mas eu, quando o conflito é entre pares com a mesma estatura e a mesma idade, gosto que sejam mesmo eles a resolverem os conflitos.”*

A professora do ensino básico A.F sublinha que:

*“Na resolução de conflitos são sempre eles próprios, o professor que tem muito o papel de moderador e, por vezes, os outros colegas, a família e as auxiliares.”*

Quanto à questão, “qual o papel do adulto na gestão de conflito?” a professora do primeiro ciclo do ensino básico A.C optou por afirmar que:

*“Os pais, em conversa com os professores, têm que cada vez mais cedo tomar consciência que ter um filho é educa-lo para viver com os outros e educa-lo para viver com os outros é aprender a cumprir regras e as regras são para todos, não há privilegiados em educação e em regras. [...] Mediador, essencialmente mediador...”*

Relativamente à educadora de infância L.J esta defende o papel do adulto na gestão de conflitos como sendo:

*“muito importante, era muito importante que a família tivesse uma visão e preocupação nas dificuldades que alguns dos seus educandos revelam na gestão de emoções de coisas simples, o saber lidar com o outro, do resolver situações da vida democrática e parece que essas questões passam um bocadinho ao lado da família. [...] O papel do educador/professor é sempre de amenizar, de ajudar à resolução do mesmo.”*

Já a educadora de infância M.R afirma que:

*“eu tive sempre uma grande ligação com a família, acho que é importante termos sempre ligação com a família, muita conversa. [...] Eu acho que o educador é o mediador. Já sabes que eu sou o mediador e acho que também é muito importante nós darmos exemplos e agirmos com eles de forma calma, serena.”*

Por último, a professora do ensino básico A.F assegura que:

*“a família pode ter um papel importante desde que seja chamada pela escola e, em conversa, em diálogo, tentarmos resolver as situações junto com os familiares e depois os familiares junto com os seus educandos. [...] O papel do professor é sempre um papel mais de moderador. É o elo de ligação entre os intervenientes.”*

Quanto ao bloco III – estratégias de resolução de conflitos, de uma maneira geral, pude constatar que as entrevistadas não realizam quaisquer tipo de atividades, recursos ou

projeto específicos para esta mesma resolução de conflitos. No entanto, a professora do primeiro ciclo A.C afirma que:

*“nós fazemos projetos de artes que implique trabalhar muito uns com os outros, que implique muito a nossa opinião e o nosso gosto e o gosto dos outros e que tem que haver uma grande gestão.”*

Relativamente à educadora de infância L.J, ela opta muito pela:

*“reflexão em grupo, chegou a haver anos, já o ano passado, sempre que o grupo é mais conflituoso passamos aqui o tempo a reinventar situações. Eu, o ano passado, resolvi uma que por mim já estava na gaveta, já fazia parte de um passado que eu não tinha ido rebuscar ao baú mas fui, que é um mapa de registos do comportamento mas sempre visto como um ponto de vista positivo (...).”*

Quanto à educadora de infância M.R esta enumera atividades, recursos ou projetos para situações específicas, no entanto afirma que:

*“Quando nos deparamos com grupos em que há crianças muito conflituosas há inúmeras estratégias, eu lembro-me que um ano em que as crianças nem eram conflituosas no aspeto entre elas mas não davam valorização aos idosos, eram muito só “eu”, então até fiz um projeto que englobou andar a visitar os idosos quando faziam anos, levávamos um bolo...”*

Já a professora do ensino básico A.F não faz qualquer ênfase a atividades, recursos ou projetos, mas afirma que é necessário:

*“o debate, o diálogo, o consenso para a resolução de conflitos.”*

Em resposta à questão “quais as estratégias que habitualmente adota na resolução de conflitos?”, a professora do primeiro ciclo do ensino afirma que:

*“estratégias que tenho utilizado, mudar miúdos às vezes funciona, depende das personalidades, dos feitios dos miúdos, às vezes um miúdo mais pacato, mais calmo e mais tranquilo apazigua um que é mais extrovertido, beneficiando os dois. Fazer tutorias com os miúdos, pô-los a trabalhar a pares, às vezes dois que se zangam obriga-los a trabalharem juntos, castigar os dois mas eu não tenho muito a experiência de indisciplina na minha sala de aula nem conflitos por aí além...”*

Já a educadora de infância L.J opta por:

*“durante o conflito a criança é chamada à atenção, promovendo o diálogo sobre a situação que está a acontecer, diálogo com ela, com os seus pares envolventes, com o grande grupo sempre que se justifique, chamar o grande grupo à resolução do problema, por vezes as crianças têm outra visão mais simples de como e às vezes mais punitiva até que o adulto.”*

A educadora de infância M.R é de acordo que:

*“As estratégias portanto, se for um conflito muito acentuado que seja preciso interferir, chamo as duas partes, falo com eles. [...] Tudo o que vem da criança, serem eles a criarem as suas próprias regras e tudo no diálogo, eu acho que é muito importante o diálogo e também, claro há sempre a ação e a consequência, não esquecer.”*

Por fim, a professora do ensino básico A.F também é de acordo que:

*“O primeiro terá que ser sempre o diálogo, o diálogo para a compreensão do conflito, o diálogo e o debate para a tentativa de resolução do mesmo. Terá que se passar sempre por aí.”*

De uma maneira geral, relativamente às necessidades de formação (bloco IV), as duas primeiras entrevistadas afirmam que não é muito comum frequentarem formações acerca desta temática. A professora do ensino básico A.C e a educadora de infância L.J afirmam que:

*“Sei mas agora não sei dizer o nome porque eu não participei, porque já disse que achei que não tinha necessidade, o que é uma presunção minha porque toda gente tem necessidade de saber novas estratégias, recursos, nós não sabemos tudo e não nascemos ensinados. [...] Não, por acaso não tenho participado em nenhuma desse tema mas sei que, às vezes, aparecem, sim, aparece mas embora seja o que mais me angustie, se calhar como profissional não é muito por aí que tenho ido a essas formações, engraçado, porque eu acho que nós já sabemos mais ou menos as estratégias (...)”*

Já a educadora de infância M.R e a professora do ensino básico A.F têm uma opinião diferente acerca da temática das formações. Elas afirmam que:

*“Tive o ano passado uma de gestão de conflitos com as psicólogas, aqui no jardim (...) Eu acho que as formações nunca são demais muito especialmente para os pais. [...] Já participei numa formação sobre esse tema específico há uns anos atrás mas a formação também foi toda neste sentido, sempre, sempre neste sentido.”*

Em suma,

*A concepção profissional do professor exige-lhe mais do que uma gestão rotineira ou tecnicista. O professor precisa conhecer, com procedimentos de rigor, o seu singular campo de operação, procedendo ao diagnóstico da situação, dinamicamente acompanhando a sua transformação no tempo. Precisa prever, antecipar um esquema de acção que se adegue à situação diagnosticada, o que implica amplo conhecimento do currículo, da sua área de ensino, das metodologias disponíveis para o seu ensino, dos objectivos e finalidades desse ensino. Mas também um amplo conhecimento dos alunos, das suas diferenças e*

*singularidades, do que é aprender e como se pode intervir na aprendizagem... (Rodrigues, p. 13)*

Relativamente ao bloco V – papel do conflito no desenvolvimento da aprendizagem, três das quatro entrevistadas (professora do primeiro ciclo A.C, educadora de infância L.J e ainda a professora do ensino básico A.F) afirmam que:

*“Porque estão sempre a haver quebras, quebras e quebras. Muitas vezes quando eu estou a dar a aula, se for uma aula expositiva veem ter comigo e dizem-me “professora ele roubou-me uma borracha”, pronto quebram o ritmo quer seja de uma aula expositiva quer seja do próprio trabalho deles. [...] Por vezes, se eles surgem muitas vezes, estes conflitos dificultam o desenvolvimento das atividades em curso, perde-se tempo com o conflito, desviamos-nos da nossa intenção, perde-se tempo entre aspas, perde-se aquele fio condutor, há atividades que ficam comprometidas e que retomaremos mais tarde em outros momentos, mas muitas vezes são comprometidas algumas aprendizagens naquele momento. [...] Muitas vezes afetam porque fazem com que muitas vezes a aula tenha que ser interrompida para se tentar colmatar esses conflitos.”*

No entanto, a educadora de infância M.R tem uma opinião diferente das restantes e afirma que:

*“Não, eu acho que estes conflitos não vão afetar a aprendizagem diretamente porque nós resolvemos sempre o conflito, portanto, não vai assim trazer grandes problemas.”*

#### 4. Síntese comparativa dos dados e principais conclusões

Após a análise dos dados das entrevistas realizadas às educadoras de infância e professoras do 1.º ciclo do ensino básico, foi possível observar que as igualdades e as diferenças entre as educadoras de infância e professoras do 1.º ciclo do ensino básico são notórias ao nível das conceções educativas.

Pode-se observar as igualdades, por exemplo, relativamente aos tipos de conflitos que ocorrem em contexto de sala. Para as educadoras de infância e professoras do 1.º ciclo do ensino básico os tipos de conflitos que ocorrem acabam por ser bastante idênticos na medida em que quase todas fazem referência a conflitos emergentes ao que acontece dentro do contexto de sala.

Para Chrispino (2007, p. 16) “ao definirmos conflito como o resultado da diferença de opinião ou interesse de pelo menos duas pessoas ou conjunto de pessoas, devemos esperar que, no universo da escola, a divergência de opinião entre alunos e professores, entre alunos e entre os professores seja uma causa objetiva de conflitos.”

Relativamente aos principais intervenientes na resolução de conflitos todas as entrevistadas realçaram a importância de ser as crianças “eles próprios” a resolverem o seu próprio conflito. É de realçar que para além destes intervenientes cada entrevistada mencionou outros, como por exemplo, a professora do ensino básico A.C mencionou à docente de educação especial e a psicóloga disponível na escola onde leciona. Já a educadora de infância L.J e a professora do ensino básico A.F sublinharam a importância dos pais e da família. A educadora de infância M.R fez relevância ao facto de serem as crianças os principais intervenientes dos seus próprios conflitos.

Quanto ao papel do adulto na resolução de conflitos é notória a importância do papel da família acerca da temática mencionada. Todas as entrevistadas fazem alusão ao peso que tem a família e sua importância nesta mesma resolução de conflitos. Na totalidade, as entrevistadas fazem referência à “ausência” da família e à importância da “presença” da mesma na vida escolar dos seus educandos. Em relação ao papel do educador/professor todas as entrevistadas mencionaram que o papel do educador/professor é essencialmente de “mediador”; “moderador” e “amenizador”.

Como Morgado & Oliveira (2009, pp. 48-49) “a mediação, enquanto meio construtivo de resolução de conflitos oferece, pelo que proporciona aos envolvidos no conflito, um espaço ideal para desenvolver, quer naqueles que desempenham o papel de mediadores, quer naqueles que, como mediados, trabalham em conjunto para a resolução do seu problema, a capacidade de respeito mútuo, comunicação assertiva e eficaz, compreensão da visão do outro e aceitação da diferente percepção da realidade.”

Quanto ao tipo de estratégias que utilizam na resolução de conflitos, é conhecido, que três das entrevistadas fazem questão de promover o diálogo como a principal estratégia

utilizada. No entanto, a professora do ensino básico A.C, utiliza também estratégias como: mudar crianças de lugar; fazer tutorias; trabalharem em pares e por último o castigo. Já a educadora de infância L.J opta por resolver a situação entre pares e, sempre que se justificar, chama o grande grupo à resolução do mesmo. No entanto, estas estratégias variam conforme o grupo, ou seja, esta educadora já utilizou o mapa dos comportamentos visto como um reforço positivo. Como reforço punitivo, esta educadora opta pelo “castigo”, ou seja, não desenvolver uma atividade que a criança tanto goste. A educadora de infância M.R opta por chamar as duas partes à resolução do mesmo, pois, esta educadora acha fundamental serem as crianças a criarem as suas próprias regras. Por último a professora do ensino básico A.F prefere utilizar sempre o diálogo e o debate como as principais estratégias.

As docentes mencionam que as grandes dificuldades na operacionalização destas estratégias passam por ter turmas grandes, multiculturais, alunos/crianças com dificuldades de aprendizagem e, deste modo, acaba por se tornar um problema de difícil resolução, visto que os resultados não correspondem às expectativas no imediato.

Na questão “necessidades de formação”, só duas das entrevistadas afirmaram ter participado em formações acerca desta temática, sendo elas, a educadora de infância M.R e a professora do ensino básico A.F. No entanto, todas as entrevistadas confirmaram ter conhecimento de formação neste âmbito. A professora do ensino básico A.C e a educadora de infância L.J mencionaram que nunca participaram em nenhuma formação acerca deste tema, no entanto, fazem alusão à sua necessidade. É importante referir que uma das entrevistadas sublinha a relevância de formações tanto para os docentes como para os encarregados de educação.

Segundo Rodrigues (p. 1) “a análise de necessidades de formação na formação contínua de professores apresenta-se como uma prática corrente legitimada pelo desejo de garantir planos e programas de formação que correspondam às necessidades das escolas e do sistema educativo e também às necessidades dos seus directos destinatários, os professores.”

De acordo, com a importância do conflito no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos/crianças, três das entrevistadas fazem menção às “quebras”; às “interrupções” e às “dificuldades das atividades em curso”. No entanto, a educadora de infância M.R, é de acordo que os conflitos não vão afetar a aprendizagem diretamente. É fundamental referir que todas as entrevistadas acabam por afirmar que utilizam o conflito como forma de trabalhar outras áreas, como por exemplo, a formação pessoal e social, o estudo do meio e a formação cívica onde podem abordar temáticas como a gestão de conflitos.

*O desenvolvimento de actividades que estimulem o filosofar das crianças parte da imaginação e do questionamento decorrente não só de fontes filosóficas, mas também de*

*questões das crianças e/ou de situações concretas da vida que, pensadas e faladas através de métodos filosóficos e técnicas dialógicas, conduzem à valoração e à acção, trazendo a atitude filosóficas à vida quotidiana. (Cardona, Uva & Piscalho, 2011, p.5)*

Em conclusão, pode-se observar as igualdades das respostas dadas por parte das educadoras de infância e as igualdades nas respostas dadas pelas professoras do ensino básico, acabando por diferenciá-las. Na minha opinião, esta diferença deve-se ao facto da formação das educadoras de infância ser diferente das professoras de primeiro ciclo. Por outro lado, penso que esta diferença pode estar relacionada com os diferentes contextos e com a diferença de idades que os separa. Implicitamente a estas diferenças está também a forma com o conflito é gerado/tratado por parte das docentes destes dois níveis de ensino.

*O receio de enfrentar os conflitos, é um problema que afecta as práticas educativas e que carece de ser trabalhado com os/as docentes dos vários níveis de ensino, desde a formação inicial. (Cardona, Uva & Piscalho, 2011, p.7)*

## Reflexão final

Com base neste relatório de estágio pretendo sintetizar o trabalho desenvolvido nos diferentes contextos de estágio (parte I) e centrar-me sobre a componente investigativa que esteve diretamente relacionada com o primeiro estágio em contexto de creche e que, posteriormente, se foi alargando aos restantes contextos (parte II).

A parte I compila todo um trabalho realizado a pares ao longo de quatro semestres. No entanto, todo o trabalho apresentado tem uma parte de mim na sua realização. No decorrer dos quatro semestres de estágio pude perceber a importância de se trabalhar em grupo e/ou parceria, de modo a obter os melhores resultados. No primeiro estágio senti alguma dificuldade nesse aspeto devido ao método de ensino executado pela instituição mas, depois de algumas semanas de interiorização, acabei por me conseguir integrar na perfeição. Outro aspeto que para mim foi fundamental foi o facto de perceber que cada criança é um ser individual, que cada criança possui o seu ritmo de trabalho e que cada criança tem as suas próprias especificidades. Este aspeto foi importante na operacionalização de cada projeto de estágio apresentado de modo a ir ao encontro das necessidades/dificuldades dos grupos em questão.

É fundamental, enquanto futuras educadoras de infância e professoras do ensino básico, estarmos atentas ao grupo, às suas dificuldades, às capacidades de aprendizagem individualizada de cada criança e, principalmente, estimular aprendizagens que se tornem positivas para o seu desenvolvimento.

Tenho consciência de que todas as nossas ações educativas têm impacto direto no desenvolvimento e na aprendizagem de todas as crianças que farão parte da nossa prática e que, por esse motivo, temos de estar em constante evolução pedagógica recorrendo a formações. Com a realização destes portefólios, posso concluir que os mesmos contribuíram para a minha aprendizagem a nível pessoal e profissional, trazendo-me um grande desenvolvimento nesta área. A nível prático destaco a aquisição de várias estratégias para trabalhar com crianças com diferentes características, uma vez que contactei com diferentes faixas etárias.

Relativamente à parte II optei por me centrar sobre a componente investigativa – gestão de conflitos, mais especificamente, como se desenvolve o processo de gestão de conflitos na educação pré-escolar e primeiro ciclo do ensino básico. Esta escolha deveu-se ao facto de presenciar situações no decorrer dos estágios com as quais não soube lidar. Por esse motivo, senti necessidade de saber mais acerca da temática dos conflitos de modo a, um dia mais tarde, saber intervir corretamente e com maior rapidez.

Após alguns meses de pesquisa para a realização deste relatório compreendi a complexidade em torno da questão dos conflitos, ou seja, depois deste trabalho compreendi que o conflito não tem que ter, única e exclusivamente, efeitos negativos. Pode também

acarretar efeitos positivos para o ensino-aprendizagem entre os membros da comunidade escolar, contudo, é importante que se saiba aproveitar e tirar partido desse mesmo conflito de modo a que as/os crianças/alunos possam interiorizar a parte positiva do mesmo.

Com a parte da componente investigativa compreendi que o processo de mediação é fulcral para gerir esta gestão de conflitos.

*O sucesso de um projecto de mediação na escola depende do envolvimento de todos os «actores» do contexto escolar. A escola deve desenvolver um contexto de significação congruente com a mediação. De pouco servirá que as crianças e os jovens estudantes sejam sensibilizados e treinados para uma cultura de diálogo, de escuta e de pacificação das relações interpessoais, se o discurso de educadores e docentes for incoerente com essa postura. (Morgado & Oliveira, 2009, p.50)*

Após a recolha e tratamento da informação das entrevistas realizadas a quatro docentes, nomeadamente, duas educadoras de infância e duas professoras do 1.º ciclo do ensino básico, foi possível observar que há diferenças nas respostas dadas pelas educadoras de infância e pelas professoras do ensino básico. No entanto, quase todas as entrevistadas afirmaram que o ensino-aprendizagem era comprometido devido às quebras durante as aulas e/ou atividades em curso.

Quanto às estratégias de resolução de conflitos, percebi que no pré-escolar o que surte mais efeito é o diálogo entre pares e a reflexão em grande grupo (quando necessário). Por outro lado, no 1.º ciclo do ensino básico as estratégias com mais sucesso, segundo uma das docentes, são: a troca de lugares; fazer tutorias; o trabalhar em conjunto e por vezes, o castigo.

No entanto, é importante referir que as estratégias mencionadas pelas docentes podem ser adaptadas conforme o grupo de crianças/alunos em questão. Algumas das docentes afirmaram ter grupos bastante conflituosos e aí as estratégias podem ter que ser alteradas ou modificadas. Algumas das estratégias aplicadas podem também não surtir efeito imediato e aí é fundamental que as docentes procurem outros recursos que estejam ao seu alcance até que se consiga encontrar a estratégia adequada.

Para mim, foi importante perceber que apesar de existirem pontos em comum entre as docentes, outros pontos acabaram por divergir, como por exemplo, nas atividades, recursos e ou projetos utilizados ao longo da prática, quais as principais dificuldades na operacionalização das estratégias e qual a importância do conflito no desenvolvimento da aprendizagem.

A minha principal dificuldade na elaboração deste relatório de estágio foi, essencialmente, analisar a informação das entrevistas, porque além das entrevistas serem bastante extensas, foi difícil sintetizar as ideias principais das questões. Outra grande

dificuldade que senti foi referente à análise e tratamento das mesmas, porque não fazia ideia de como se fazia um trabalho desta natureza. No entanto, considero que esta dificuldade foi ultrapassada com a ajuda da orientadora Marta Uva e com a ajuda de um guião de análise que utilizei para sintetizar as respostas dadas pelas docentes de modo a organizar e a facilitar a leitura das mesmas.

Considero que este relatório de estágio foi uma mais-valia para a minha futura vida profissional, porque me permitiu investigar e aprofundar com maior ênfase esta grande problemática que é a gestão de conflitos em contexto escolar.

É essencial que se reflita sobre este tema e que se invista em formações para docentes e também para os encarregados de educação/pais.

Para finalizar, considero que futuramente irei realizar possíveis estudos a nível da temática apresentada, ou seja, pretendo frequentar formações relacionadas com a gestão de conflitos em contexto de sala, estudar e investigar mais autores defensores do tema em questão e posteriormente fazer uma formação mais específica.

Relativamente às principais aprendizagens de todo este processo considero que os estágios foram parte fundamental no mestrado em educação pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico. Todos estes quatro estágios foram fundamentais para aprendizagens futuras e principalmente para adquirir conhecimentos como planificar; estabelecer rotinas; avaliar; entre outros. Em relação ao exercício investigativo pude adquirir conhecimentos mais teóricos em relação ao tema em questão, ou seja, pude fazer uma pesquisa sobre autores que abordam o tema e que já o investigaram.

## Referências bibliográficas

- Association for Conflict Resolution. (2002). *School-based conflict resolution education program standards*. Washington, D. C.: Association for Conflict Resolution.
- Brazelton, T. (2013). *O grande livro da criança: o desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. Lisboa: Editorial Presença.
- Cabral et.al. (1985). *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo dos Leitores.
- Cabral, M. (2012) *Práticas educativas e jogo como instrumento de aprendizagem no Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico (Relatório de Estágio)*. Departamento das Ciências da Educação, Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Cardona, M., Uva, M. & Piscalho, I. (2011). "O papel do conflito no trabalho sobre questões de género no jardim de infância e na escola". Congresso da SPCE, ESE da Guarda.
- Cavicchia, D. *O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida*. Unesp. Universidade Estadual Paulista. Obtido de <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/224/1/01d11t01.pdf>.
- Chripino, Á. (2007). *Gestão de conflitos escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação*. Obtido de <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n54/a02v1554.pdf>.
- Costa, M. (2003). *Gestão de Conflitos na Escola*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Dicionário da Língua Portuguesa. (2011). Porto: Porto Editora.
- Marcelino, C. (2008). *Métodos de Iniciação à Leitura – Concepções e Práticas de Professores. Tese de Mestrado*. Universidade do Minho, Braga.
- Ministério da educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Morgado, C., Oliveira, I. (2009). *Mediação em contexto escolar: transformar o conflito em oportunidade*. Obtido de <http://www.exedrajournal.com/docs/01/43-56.pdf>.
- Mota, P. (2009). *Jogos no Ensino da Matemática*. Universidade Portucalense Infante D. Henrique.
- Picado, L,. (2009). *A indisciplina em sala de aula: uma abordagem comportamental e cognitiva*. Obtido de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0484.pdf>.
- Rodrigues, A. *A análise de necessidades de formação como estratégia de promoção de uma prática reflexiva na formação contínua de professores*. Universidade de Lisboa. Obtido de [https://www.researchgate.net/publication/242782076\\_A\\_analise\\_de\\_necessidades\\_de\\_formacao\\_como\\_estrategia\\_de\\_promocao\\_de\\_uma\\_pratica\\_reflexiva\\_na\\_formacao\\_continua\\_de\\_professores](https://www.researchgate.net/publication/242782076_A_analise_de_necessidades_de_formacao_como_estrategia_de_promocao_de_uma_pratica_reflexiva_na_formacao_continua_de_professores).
- Rodrigues, Â. *A formação de formadores para a Prática na formação inicial de professores*. Universidade de Lisboa. Obtido de <http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/arodrigues.pdf>.
- Sousa, M. & Baptista, C. (2016). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios*. Lisboa: Factor.
- Waller, W. (1932). *The Sociology of Teaching*. New York: Jonh Wiley & Sons.

# Anexos

## Índice de anexos

Anexo 1 - Guião de entrevista.....	44
Anexo 2 - Entrevistas realizadas às educadoras de infância e às professoras do 1.º ciclo do ensino básico.....	46
Anexo 3 - Guião de análise.....	67

## Anexo I – Guião de entrevista

Bloco	Objetivos	Tópicos de Entrevista
<u><i>Bloco I</i></u> Caracterização dos docentes	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer o percurso académico;</li> <li>- Conhecer o número de anos de serviço.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual o seu percurso académico?</li> <li>- Quantos anos tem de serviço?</li> </ul>
<u><i>Bloco II</i></u> Tipos de conflitos e intervenientes	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Caracterizar os vários tipos de conflito em contexto pré-escolar e primeiro ciclo;</li> <li>- Identificar os principais intervenientes nos conflitos existentes;</li> <li>- Identificar o papel do adulto na gestão dos conflitos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Que tipo de conflitos ocorre, entre as/os crianças/alunos, em contexto de sala? Dê exemplos específicos.</li> <li>- Em que medida, esses conflitos afetam o processo de ensino-aprendizagem?</li> <li>- Quais considera ser os principais intervenientes na resolução de conflitos?</li> <li>- Identifique outros intervenientes que contribuem, de forma eficaz, para a resolução dos conflitos entre crianças/alunos.</li> <li>- Qual o papel da família?</li> <li>- Qual o papel do educador/professor na resolução do conflito entre a/os crianças/alunos?</li> </ul>
<u><i>Bloco III</i></u> Estratégias de resolução de conflitos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exemplos de atividades, recursos e/ou projetos que utiliza ao longo da prática;</li> <li>- Costuma ter necessidade de apoio especializado?.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quais as estratégias que habitualmente adota na resolução dos conflitos? Porquê? Descreva os procedimentos.</li> <li>- Exemplos de atividades, recursos e/ou projetos que utiliza ao longo da prática.</li> <li>- Conhece outras estratégias que podem ser adotadas na resolução de conflitos? Explícite?</li> <li>- Quais as principais dificuldades na operacionalização destas estratégias?</li> <li>- Quais as que têm mais sucesso?</li> </ul>
<u><i>Bloco IV</i></u> Necessidades de	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perceber a necessidade de formações nesta área.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sabe de alguma formação existente ou participou em alguma?</li> </ul>

formação		Qual? - Há necessidade de haver formações específicas neste âmbito?
<u>Bloco V</u>  Papel do conflito no desenvolvimento da aprendizagem	- Perceber qual o papel do conflito no desenvolvimento da aprendizagem.	- Para si, qual é a importância do conflito no desenvolvimento de aprendizagem?

## **Anexo 2 – Entrevistas realizadas às educadoras de infância e às professoras do 1.º ciclo do ensino básico**

### **Professora do Ensino Básico – A.C**

Sara – Olá boa tarde, gostava que começasse por se apresentar, se faz favor.

A.C – Boa tarde, chamo-me Anabela Cerca, tenho 51 anos e dou aulas há 29 anos.

Sara – Pode-me dizer qual foi o seu percurso académico?

A.C – Fiz o Bacharelato e mais tarde fiz a Licenciatura. Dei aulas de educação física, primeiro em escolas secundárias e gostei, foi uma experiência diferente do contexto do 1.º ciclo. Também andei colocada muitas vezes a “tapar buracos”, também andei colocada muitas vezes em atestados médicos de outras colegas. Quando fui contratada fiquei colocada em sítios muito longínquos até que depois vinculei. Quando vinculei fiquei só no primeiro ciclo, trabalhei no distrito de Leiria muitos anos e gostei de trabalhar no distrito de Leiria. Desde 2000 que estou no distrito de Santarém.

Sara – Agora em relação ao “Bloco II – Tipos de conflitos e intervenientes” que tipos de conflitos ocorrem entre os alunos em contexto de sala, dê alguns exemplos específicos.

A.C – “Oh porque ele roubou-me o lápis; ou porque me tirou a borracha; porque não me dá o afia; porque me está a estragar os marcadores; deu-me pontapés debaixo da mesa; ele chamou-me nomes”. Desde os conflitos relacionados com o material; com as relações interpessoais entre eles; conflitos que trazem do intervalo para dentro da sala e que muitas vezes levam da sala para o intervalo; conflitos entre eles próprios como por exemplo o Gui agora está ali num conflito pessoal que não sabe fazer uma coisa mas não tem capacidade para deixar para trás o que não sabe fazer, seguir, voltar depois lá atrás aquilo que não era capaz de fazer, não está ali empurrado num conflito interior com ele próprio numa matéria que não está a conseguir resolver. Mais conflitos? Às vezes há brigas, há agressões, não na sala aula, lá fora, na sala de aula não lhes dou hipótese. Mesmo os conflitos de sala de aula são coisas leves e queixinhas porque eu não dou hipótese a que ninguém se porte mal, que seja mal-educado e que de algum modo agrida verbalmente e intencionalmente os colegas. Como a querida pode ver está-me a fazer esta entrevista dentro da sala de aula.

Sara – Exatamente e em que medida é que acha que esses conflitos afetam o processo de ensino-aprendizagem dos alunos?

A.C – Porque estão sempre a haver quebras, quebras e quebras. Muitas vezes quando eu estou a dar a aula, se for uma aula expositiva veem ter comigo e dizem-me “professora ele roubou-me uma borracha”, pronto quebram o ritmo quer seja de uma aula expositiva quer seja do próprio trabalho deles. Às vezes há miúdos a trabalharem muito sossegados,

concentrados e atentos e há dois ou três ao lado em questiúnculas destas sem jeito nenhum que estão a perturbar os colegas que, de uma maneira geral, mantêm boas relações interpessoais, não arranjam briguitas sem jeito nenhum e depois são prejudicados por causa daqueles que são mais conflituosos, queixinhas, embirrantes porque há miúdos que embirram por qualquer coisita, que fazem queixinhas por tudo e por nada, há miúdos que não sabem gerir o conflito e a frustração e trazem tudo para cima da professora. Têm que aprender a relacionar-se uns com os outros e a gerir esses conflitos uns com os outros e deixarem de ser queixinhas que é para que a queixa se justifique quando realmente for grave.

Sara – E quais considera serem os principais intervenientes na resolução de conflitos?

A.C – É a razão e a persuasão, temos que lhes fazer ver a razão muitas vezes através do caminho da persuasão. Se olhares para o Eduardo, neste momento, que acabou de tirar as cargas das canetas, não está a fazer absolutamente nada, nada, nada e está a brincar. Desde manhã da cópia, ele escreveu quatro palavras, quatro. O que fazemos? Aviso, castigo, faço queixa ao encarregado de educação mas eu não posso permitir também que um aluno esteja o dia todo a brincar na minha sala de aula mesmo que não perturbe ninguém. Porque ele tem que perceber que dentro da sala de aula se trabalha e os direitos e os deveres são iguais, se os outros colegas trabalham ele também tem que ver que tem que ter o contributo dele e trabalhar. Isto é a razão das coisas, vou lá muitas vezes através da persuasão que é com o incentivo de algum modo, mas nem assim às vezes.

A.C – O que é que me tinhas perguntado?

Sara – Quais considera serem os principais intervenientes na resolução de conflitos?

A.C – Ah pronto. O professor e eles próprios. Eles próprios tem que muitas vezes, através do professor, chegar à conclusão das asneiras que fizeram. Vem-me um fazer queixas, vem outro fazer queixas, muitas vezes eu confronto-os um com o outro. Eles próprios é que tem que chegar à conclusão que tem que resolver o conflito. Se for nos intervalos podem ser as auxiliares, as outras colegas, qualquer outro tipo docente na escola que ache necessário intervir.

Sara – Exatamente, era isso que iria perguntar a seguir. Outros intervenientes que contribuam na forma eficaz para a resolução de conflitos entre crianças e/ou alunos?

A.C – As auxiliares muito em contexto de intervalo e de almoço. Outros docentes, a docente de educação especial se tiver na sala, a psicóloga, temos uma psicóloga na escola ao serviço da escola que se, por acaso, tivermos aqui um conflito sem solução, já tenho apanhado miúdos que são mentirosos até ao fim, que levam a deles até ao fim e que ludibriam até ao fim. E que muitas vezes é preciso a intervenção do psicólogo em conversa

com eles para perceber o porquê de serem assim e o porquê ao certo do que aconteceu. Não que não consigamos nós mas os psicólogos tem outras ferramentas ao seu dispor, por isso são psicólogos.

Sara – Qual o papel da família nesta gestão de conflitos?

A.C – Antes de mais nada, só se traz para a escola o que se tem em casa ou o que não se tem em casa. Se em casa se passar educação, solidariedade, fraternidade, essas coisas todas de valores que ensinamos desde que eles nascem, a saber lidar uns com os outros, a saber conversar, a saber gerir. O que não quer dizer, não somos nenhuns santos, até nós nos enervamos, nos irritamos, gritamos. A gestão de conflitos nem sempre muitas vezes passa pela calma, às vezes é preciso discussão para chegar a algum consenso, mas tanto em casa como na escola, temos que passar a mensagem de que é conversando e dialogando que as coisas se resolvem, não é logo partir para a violência e para o ralhete. Os pais, em conversa com os professores, têm que cada vez mais cedo tomar consciência que ter um filho é educa-lo para viver com os outros e educa-lo para viver com os outros é aprender a cumprir regras e as regras são para todos, não há privilegiados em educação e em regras. Todos temos que as cumprir e todos temos que ser educados porque senão não somos civilizados e para fazer com que os pais se responsabilizem também pela gestão de conflitos, chamá-los, conversar no final do ano, conversas na entrega das avaliações, pôr os pais a par do comportamento dos filhos. E nesses momentos, conversar com os pais e dizer que a educação começa primeiro em casa e que na escola se tem instrução, informação e conhecimento e também educação. Porque em casa, quando estamos sós com a nossa família ou se formos filhos únicos, podemos não ter essa interação as vezes que é necessária na gestão de conflitos porque a gestão de conflitos surge porque há o outro e, como diria Sartre “o inferno são os outros”; o inferno também pode ser a ausência dos outros. Portanto, nós sendo seres humanos que interagimos uns com os outros e que vivemos em sociedade, cada vez mais temos que aprender a relacionarmos uns com os outros pela via da diplomacia porque quando falha a diplomacia falha tudo. A professora não gosta de gritar, a professora não gosta de ralar, a professora não gosta de chamar atenção aos berros, não havia necessidade disso se todos entendessem “eu tenho que cumprir certas regras” é claro que há momentos em que podemos até estar a discutir mas da discussão nascer as ideias, podemos estar num debate, podemos estar a ver o que é um consenso, eles também tem que se aperceber disso e há certos temas de Estudo do Meio que puxam para o debate, para o consenso e para a discussão porque as nossas ideias são diferentes mas é muitas vezes da diferença que nasce a harmonia. Os pais têm que tomar consciência disso e se responsabilizar, têm que ensinar os filhos para levarem para a escola educação e, muitas vezes, os filhos da escola levam para casa também outras regras de convivência que aos pais nunca lhes passou pela cabeça que fossem necessárias porque

na escola estão vinte e tal miúdos de várias raças às vezes, vários credos, várias filosofias, várias etnias e isso é o maior causador e gerador de conflitos, tendo em conta que os pais também não têm muita paciência para os filhos, hoje em dia, e “toma lá um Tablet e não me chateeis”, se for assim nunca ninguém vai conseguir gerir conflitos nem eles quando um dia forem pais.

Sara – Qual o papel do professor nesta mesma resolução de conflitos?

A.C – Mediador, essencialmente mediador, porque é assim, se nós tivermos a dizer que as regras são estas e tens que as cumprir e tu fazes porque eu estou a dizer, não vai resultar, eles obedecem porque têm que obedecer porque têm medo ou porque têm respeito se não aprendermos que a gestão de conflitos começa dentro de nós e não por imposição não vamos a lado nenhum, quando saírem daqui não vão mudar nada só cumprem quando estiverem comigo porque têm medo de mim ou porque me respeitam ou porque têm medo de uma retaliação, chegam lá fora e fazem asneira e então isso não está a ajudar nada na gestão de conflitos, certo?

Sara – Certo.

A.C – Então o que ajuda na gestão de conflitos e na resolução de conflitos é compreender o porquê do conflito, porque aconteceu e o que eu posso fazer para acabar com ele. Se não for o professor, através do papel de mediador é quase como o Sócrates quando ele fazia a maiêutica e comparava a maiêutica a um parto, lembras-te? Se não nascer de nós a resposta do conflito ou a interiorização “eu estou errada, eu procedi mal” nunca vai mudar, isso é mesmo assim, mas a pessoa até pode achar que tem razão e estar errado e temos que a levar a ver que não tem razão, quando ela tem razão tem que compreender que tem que fazer ver a razão sem ser pela via conflituosa. Se eu sei que tenho a razão do meu lado não leva a lado nenhum discutir, posso chegar ao pé da professora ou da auxiliar e dizer o que se passou sem ser com queixinhas “passou-se isso assim-assim” se a auxiliar e a professora forem pessoas iluminadas porque muitas vezes também não são, isso é uma coisa que tu também tens que referir, nem todos os docentes e não docentes são pessoas que sabem gerir conflitos e nem sempre o conflito está nos miúdos, às vezes o conflito também está nos adultos que não sabem descer ao nível deles, porque não têm paciência, por serem pessoas que, coitadas, nem estão bem com elas próprias quanto mais com os outros e há cada vez mais docentes a dar aulas assim, então temos que nos aperceber até que ponto é que somos capazes de fazermos a gestão de conflitos na cabeça de uma criança e ensinar-lhe que tem que perceber porque aconteceu aquela situação menos boa, o que levou “a” e a partir daí ver olha “eu podia ter mudado isto ou ter feito aquilo daquela maneira” ou então, se a razão tiver do meu lado, o outro podia ter feito daquela maneira e levar o outro a tentar compreender isso. O professor é mediador, se a função de mediação

não resultar pode sempre ir pela via da regra que tem que se cumprir mas, lá está, é como eu digo se for obrigação de um cumprimento tu não o interiorizas, não chegas a essa conclusão, a essa maiêutica do Sócrates, nunca interiorizas o que é que é viver em harmonia com os outros.

Sara – No “Bloco III – Estratégias e resolução de conflitos” quais as estratégias que habitualmente usa na resolução de conflitos? Porquê? Descreva os procedimentos.

A.C – As estratégias em sala de aula passam muito por coisitas de material, coisitas como estão a trabalhar e o outro não está, coisitas como um trabalha e o outro não trabalha e depois perturbam o trabalho uns dos outros, é que é assim: mesmo que não queiramos, numa sala de aula com vinte cabeças pensantes ou mais, onde cada um tem que gerir o seu trabalho, onde cada um é distraído pelo parceiro do lado até nós adultos às vezes temos dificuldades em gerir isso quanto mais os miúdos que são distraídos por tudo e depois há aqueles que realmente são embirrentos, são conflituosos em si, há miúdos muito conflituosos que procuram a discórdia, que procuram a briga, que procuram acabar com a paz do outro ou o outro tem uma paz inabalável e o conflito fica anulado por si próprio e o conflituoso não tem por onde se expandir, daí nós termos que criar pessoas harmoniosas e desenvolver pessoas harmoniosas porque, lá está é como discutir com um estúpido, se ficares calado o estúpido discute sozinho até que se cala porque se cansa ou o miúdo que tem paz também não consegue porque o outro está sempre a embirrar, sempre a conversar, sempre a picar, sempre a distrai-lo e pronto briga pegada, lá está, é queixinhas e não sei o quê. Habitualmente é por essas coisas, não há aqui conflitos de maior, muitas vezes os conflitos que vêm com outro peso para dentro da sala de aula são os que são trazidos da altura do almoço e do intervalo nomeadamente do futebol. Eu, pessoalmente acabava com o futebol à hora do intervalo, e à hora de almoço, em todas as escolas. Quem quer praticar um desporto tem clubes, tem associações, promovia-se a altura da educação física que todas as professoras dessem a disciplina de educação física, apesar de saber que nem todas têm capacidade mas procuravam informar-se e na hora que reservassem para isso, todos os alunos tinham oportunidade para passar pelos desportos individuais e coletivos. O futebol é o maior pico de discórdia numa escola e isto é a minha opinião pessoal, a maior parte das minhas colegas não concorda e acha que não deve acabar o futebol porque os meninos precisam de descarregar as energias e então, a melhor maneira de descarregar energias é andarem à biqueirada? Digo eu. Não podem fomentar nas escolas alguns jogos tradicionais, pôr xadrez, pôr damas, ensinar dominó, sei lá, tanta coisa, tantos jogos que pode haver, uma sala de jogos nas escolas para os miúdos. Não, é futebol, única e exclusivamente futebol e depois há malta a levar com a bola na cara, desde miúdos a professores e até já houve uma professora que levou com uma bola na cara que caiu redonda no chão e desmaiou, não foi nesta escola mas eu soube disso. Os maiores problemas nascem do

futebol, aliás basta ver depois as claques de futebol os “No Name Boys” e os “Neo Nazis” e esta gente toda. Então começa na escola? Começa, começa na escola com o futebol. Esta é a minha opinião e quero que ela seja aí dita.

Sara – E quais as estratégias que habitualmente usa na resolução de conflitos? Porquê? Descreva os procedimentos.

A.C – Acaba-se o futebol, é simples. Não, falando seriamente, a sério, conversava com os pais, juntava-os todos no início do ano e explicava-lhes logo esta história do futebol de maneira a que eles ficassem logo esclarecidos de que quem não tem possibilidade infelizmente, monetariamente de levar os miúdos a praticar desporto, a escola também tem que proporcionar algum, sim senhor, proporcionava-se na altura das AEC's, proporcionava na altura em que a professora destinasse à educação física e acho que a educação das escolas era capaz de mudar um bocado e a maneira como nos relacionamos com os outros. Em sala de aula não há grandes conflitos, são trazidos muitas vezes de fora.

Sara – Dê-me alguns exemplos de atividades, projetos e/ou recursos que utilize ao longo da prática.

A.C – Para gestão de conflitos, ora bem, eu não tenho grande problema de indisciplina na minha sala, como tu bem sabes. É claro que o correto não é gritar porque quem é educado aos gritos, aprende aos gritos e educa aos gritos, o correto é conversar com as pessoas, educadamente e diplomaticamente, mas ao fim de tu conversares muita vez e gerires uma turma de vários miúdos, com vários níveis de ensinios, com várias casas atrás deles porque eles trazem a casa atrás deles e, por vezes, o que trazem de casa é tão mau que eles chegam aqui e não têm outros exemplos, então eles têm que cumprir as regras que a professora diz e dá e também passa por aí, por muito que queiramos ser diplomatas, educados, ensinar pela via da concórdia, ensinar que não se educa aos gritos, que não se berra com os miúdos, que vamos lá explicando, que vamos lá conversando, nós também somos humanos, nós somos humanos e ao fim de tu avisares cem vezes, à centésima primeira vez tu tens que berrar porque já chega, então às vezes um grito também é uma boa estratégia, um castigo também pode ser, quando isto não vai lá a bem às vezes também tem que ir lá a mal, com os nossos filhos também é assim. Outras estratégias que tenho utilizado, mudar miúdos às vezes funciona, depende das personalidades, dos feitios dos miúdos, às vezes um miúdo mais pacato, mais calmo e mais tranquilo apazigua um que é mais extrovertido, beneficiando os dois. Fazer tutorias com os miúdos, pô-los a trabalhar a pares, às vezes dois que se zangam obriga-los a trabalharem juntos, castigar os dois mas eu não tenho muito a experiência de indisciplina na minha sala de aula nem conflitos por aí além porque eles portam-se bem, eles estão sossegados e eu explico sempre, fazia isto com a minha filha, eu primeiro explicava e explico porque é que não está a funcionar o

diálogo e se o diálogo não funciona tem que funcionar de algum modo a autoridade dos pais e dos professores, por isso somos pais e professores e eles tem que perceber que nós mandamos e eles obedecem, nós também já passamos por isso e será assim até ao final dos tempos, o que não está correto é os filhos mandarem nos pais.

Sara – Realiza algum tipo de atividades, projetos ou recursos ao longo da sua prática nesta resolução de conflitos? Ou utiliza única e exclusivamente estas estratégias?

A.C – Não, olha sempre que nós fazemos projetos de artes que implique trabalhar muito uns com os outros, que implique muito a nossa opinião e o nosso gosto e o gosto dos outros e que tem que haver uma grande gestão. Agora vamos ter uma horta biológica, vamos construir uma árvore de natal, todos esses projetos que se relacionam com um projeto de turma para artes, com qualquer coisa que tenha que unificar de alguma forma a turma ou um grupo, tem que aprender a trabalhar em conjunto, tem que aprender a trabalhar em grupo, tem que aprender a gerir a discórdia de diversas opiniões. Projetos, nomeadamente, relacionamos com conflitos, ou seja, aparece um conflito como é que eu vou futuramente solucionar esse problema? Queria ser-te útil mas não posso porque nunca cheguei ao ponto de não saber solucionar um conflito quando ele ainda está latente, nunca se agravou assim tanto, nunca nada causou nas minhas turmas em trinta anos de serviço, motivo que me levasse a “como é que eu vou gerir isto?”, “como é que eu vou solucionar isto?”. Depende muito da autoridade ou da atitude que nós temos, o professor tem que ter alguma autoridade, tem que ter atitude mas proporcionar ambiente de igualdade.

Sara – Conhece outras estratégias que podem ser abordadas na resolução de conflitos? Explícite.

A.C – Sei lá, conheço várias, eu posso não as ter aplicado mas conheço várias. Podemos levar os miúdos mais conflituosos a fazer outro tipo de atividades daquelas que se estudam muito em cidadania, atividades que eles tenham mesmo que solucionar uma atividade ou resolver uma atividade onde não dependa só deles, dependa também do outro para aprenderem a lidar com a opinião do outro e com a resolução do outro, tem acontecido às vezes eles dizerem-me “oh professora mas ele não faz” então geralmente o que eu digo é “vocês é que têm que se entender e chegar a uma conclusão”, resulta. Não me ocorre agora assim, mas eu sei que há, eu sei que há, uma vez até estava para ir a uma ação de formação de “Gestão de Conflitos na Sala da Aula” e acabei por não ir porque consigo gerirlos sem precisar da opinião alheia, mas eu sei que há estratégias e recursos para professores que não tenham tanta atitude ou tanta autoridade, o que não faz de mim a melhor do mundo, eu tenho muitas falhas, ui, tantas falhas, cada vez que dou um berro estou a falhar, não é assim que se gere conflitos mas eu tenho consciência disso, pelo menos já estou a caminho da iluminação.

Sara – Quais as principais dificuldades na operacionalização destas estratégias?

A.C – Turmas grandes, multiculturais, miúdos com cada vez mais dificuldades de aprendizagem, miúdos que não trazem educação de casa, vamos nos estar a repetir porque estas perguntas acabam por fazer com que a gente se repita mas as principais dificuldades mesmo são a grande falta de educação que se traz de casa, a descredibilização do professor pelos encarregados de educação e a falta de atitude também da autoridade do próprio professor, parece que tem medo de exercer a autoridade. Nós temos que saber exatamente qual é o nosso papel na sala de aula e transmiti-lo porque os miúdos precisam de balizas.

Sara – Quais as estratégias que tem mais sucesso utilizadas por si?

A.C – A razão e a persuasão mesmo em si, faze-los ver pela via da razão e depois indo lá pela persuasão das coisas, quando isto não funciona é “eu mando, eu sou professora e tens que me obedecer”.

Sara – Sabe de alguma formação existente ou participou em alguma? Qual?

A.C – Sei mas agora não sei dizer o nome porque eu não participei, porque já disse que achei que não tinha necessidade, o que é uma presunção minha porque toda gente tem necessidade de saber novas estratégias, recursos, nós não sabemos tudo e não nascemos ensinados. Eu tenho a facilidade de ter atitude e de ter autoridade e isso, só por si, anula os conflitos, anula-os mas de algum modo, devia ir a essas ações de formação porque afinal de contas todos juntos é que chegamos a uma conclusão e qual é a melhor e o melhor funcionamento.

Sara – E há necessidade de haver mais formações neste âmbito?

A.C – Há! Cada vez mais, cada vez mais os miúdos veem mais mal-educados de casa, cada vez mais os professores não fazem valer a sua autoridade, cada vez mais as turmas são maiores, cada vez mais os miúdos são mais heterogéneos e as turmas, cada vez mais eles são criados por si só, coitados, e depois cada vez mais eles não tem paciência uns comos outros também e não se respeitam portanto, se calhar, faz sentido uma vez por ano os professores fazerem estas ações de formação mas não podem ser mais do mesmo porque se forem só mais do mesmo também não aquece nem arrefece, acho que tem é que haver casos pontuais e exemplos de conflitos que transcendam o normal.

Sara – Por último, para si qual é a importância do conflito no desenvolvimento de aprendizagem dos alunos?

A.C – Bem, se tudo correr bem não tem graça, não tem piada, somos amorfos? Não, não somos amorfos, aliás estar vivo e lidar uns com os outros é constantemente um conflito de dor, de opinião, de gosto, de maneiras de ser, aliás é da discussão que nasce a luz mas numa discussão com respeito, numa discussão que traga alguma coisa de benéfico para ambas as partes é bom que o conflito surja para que se resolva e não se repita. Também, se nunca houver conflitos, eu resolve-os com facilidade, posso dizer que praticamente quase não há conflitos na minha sala de aula mas, de vez em quando, lá aparecem ainda mais com miúdos tão vivaços e tão terríveis como os meus mas é assim também que se aprende a viver em sociedade.

Sara – E acha que esses conflitos são importantes para aprendizagem dos alunos?

A.C – Também, quer a aprender a relacionar-se uns com os outros, quer a aprender a relacionar-se lá fora, em outros contextos, em família, um dia quando forem mais velhos levam exemplos para educar os filhos e vão-se lembrar, muita vez, quando um dia forem mais velhos e andarem noutros ciclos de como a professora resolveu aquela situação, se calhar vou fazer isso. É importante também que surja a discórdia para da discórdia nascer a concórdia ou seja, o mal só existe porque há o bem e vice-versa.

Sara – Obrigada!

## **Educadora de Infância – L.J**

Sara – Olá, boa tarde.

L.J – Boa tarde Sarinha.

Sara – Gostava que começasse por se apresentar, assim uma coisa muito breve.

L.J – Ok. Educadora Lina Júlio, mais?

Sara – Qual o seu percurso académico?

L.J – Bacharelato em educação pré-escolar pela ESE de Santarém e Completos de Formação Científico Pedagógico para Educadores de Infância na Escola Superior de Almeida Garrett em Lisboa.

Sara – Muito bem e quantos anos de serviço tem?

L.J – Vinte e seis.

Sara – Em relação ao “Bloco II – Tipos de conflitos e intervenientes” que tipo de conflitos ocorrem entre as crianças em contexto de sala? Dê exemplos específicos.

L.J – Gestão das emoções, da partilha de brincadeiras, dificuldades na aceitação da autoridade dos adultos gera conflito; a criança não aceita o que adulto está a sugerir que faça. Respeito pelos adultos e pelo outro, em algumas crianças se vem a notar que o conflito também na gestão de sala de aula surge muito pela falta de respeito pelo outro.

Sara – Em que medida esses conflitos afetam o processo de ensino-aprendizagem dos alunos?

L.J – Por vezes, se eles surgem muitas vezes, estes conflitos dificultam o desenvolvimento das atividades em curso, perde-se tempo com o conflito, desviamo-nos da nossa intenção, perde-se tempo entre aspas, perde-se aquele fio condutor, há atividades que ficam comprometidas e que retomaremos mais tarde em outros momentos, mas muitas vezes são comprometidas algumas aprendizagens naquele momento.

Sara – Exatamente. Quais considera serem os principais intervenientes na resolução de conflitos?

L.J – São os adultos, quer seja a educadora, professor ou as auxiliares.

Sara – Consegue identificar outros intervenientes que contribuam de forma eficaz para a resolução de conflitos entre os alunos?

L.J – São os pais, a família.

Sara – E qual é esse mesmo papel da família?

L.J – É muito importante, era muito importante que a família tivesse uma visão e preocupação nas dificuldades que alguns dos seus educandos revelam na gestão de emoções de coisas simples, o saber lidar com o outro, do resolver situações da vida democrática e parece que essas questões passam um bocadinho ao lado da família. A família, o pouco tempo que está com as crianças, é para satisfaze-las, não é para educa-las e há outro trabalho que vem a seguir por nós que não tem sucesso sem essa parte.

Sara – E qual é o papel do educador/professor na resolução de conflitos entre as crianças?

L.J – O papel do educador/professor é sempre de amenizar, de ajudar à resolução do mesmo.

Sara – Acaba por também ser mediador.

L.J – Um mediador!

Sara – Muito bem. Em relação ao “Bloco III – Estratégias de resolução de conflitos” quais as estratégias que habitualmente adota na resolução de conflitos? Porquê? Descreva os procedimentos.

L.J – Logo durante o conflito a criança é chamada à atenção, promovendo o diálogo sobre a situação que está a acontecer, diálogo com ela, com os seus pares envolventes, com o grande grupo sempre que se justifique, chamar o grande grupo à resolução do problema, por vezes as crianças têm outra visão mais simples de como e às vezes mais punitiva até que o adulto. Se a situação tem um carácter mesmo muito grave chama-se o grupo todo à resolução do problema se não, por vezes, fica em coisas mais simples e só entre pares, resolve-se em pequeno grupo.

Sara – Exemplos de atividades, recursos e/ou projetos que utilize ao longo da prática?

L.J – A reflexão em grupo, chegou a haver anos, já o ano passado, sempre que o grupo é mais conflituoso passamos aqui o tempo a reinventar situações. Eu, o ano passado, resolvi uma que por mim já estava na gaveta, já fazia parte de um passado que eu não tinha ido rebuscar ao baú mas fui, que é um mapa de registos do comportamento mas sempre visto como um ponto de vista positivo, sempre atendendo à criança que tem mais dificuldades em cumprir o seu comportamento adequado, de que ela é capaz, por vezes não ser tão rigorosa com essa, de modo a que ela conseguir um dia de bom comportamento e, depois, no final do mês era contabilizado o miúdo que teve mais comportamentos adequados e era-lhe dado um presente como um livrinho.

Sara – Conhece outras estratégias que podem ser adotadas na resolução de conflitos? Explícite.

L.J – Sim, eu às vezes acho que a minha dificuldade em ter resultados nestas situações num grupo que é conflituoso, e tenho algumas crianças, não é só uma ou duas, algumas conflituosas, é de que às vezes experimento várias coisas, vários métodos. O ano passado consegui centrar-me porque estava a dar frutos o mapa dos comportamentos, deu resultados, por vezes saltito um bocadinho em várias maneiras de resolver o problema e eu preciso de ter um tempo em que perdure aquele tipo da minha atitude para que ela tenha alguns resultados e eu, às vezes, como os resultados não são muito imediatos nalguns métodos abandono, mudo outra vez. Tento sempre em mim ir pelo reforço positivo, sempre que valha a pena portar-se bem porque isso vai ter resultados bons, deu uma educadora bem-disposta que goste de satisfazer as necessidades dessa criança em causa e tal, por vezes não resulta, o positivo só não resulta. O que é que faço com o negativo? A parte punitiva, um castigo, entre aspas, poderá ser não desenvolver naquele dia uma atividade que ele tanto goste, neste momento, esta semana está o Lucas com muitas dificuldades, está a gerar conflitos diários, a esgotar o nosso investimento nas atividades e a desviar para a resolução do problema dele e o que é que eu adotei? Naquele dia ele não joga na área das construções dos legos que é o que ele mais gosta de fazer. E pensar assim? Isso tem resultado? Tem um bocadinho, a mãe também está muito empenhada este ano, em cima do acontecimento, com um diálogo constante entre mim e as auxiliares de como é que correu o dia, como é que ela vai gerir isso com ele e também tem estado em sintonia, só por aí porque a coisa já está a ficar assim um bocadinho difícil de um miúdo com cinco anos, é a gestão das emoções, ele reage logo com agressividade à frustração mas nem é preciso ser frustração, basta simplesmente dizer que agora aquele menino escolheu primeiro aquela área e ele vai a seguir ou propor-lhe uma atividade que é preciso fazer agora porque temos um trabalho em mãos sobre algum tema em especial ele não, porque não, porque só quer fazer aquilo mas eu quero, não é posso, é que quero.

Sara – Quais as principais dificuldades na operacionalização destas estratégias?

L.J – Em muitos dos casos é porque é só na escola, as estratégias são só na escola porque o investimento é aqui, há pais pouco atentos a essas dificuldades dos filhos, na gestão das emoções e do conflito e se ela não tiver um papel lá em casa em sintonia com o nosso e uma preocupação de resolução dos pais também acaba por falhar, falha.

Sara – Qual destas estratégias tem mais sucesso?

L.J – As que eu posso adotar, tendo em conta que se não conto com o apoio da família e só dependo de mim aqui na escolinha/jardim o que é que tem sido mais eficaz? É sempre o diálogo e a reflexão entre pares sobre isso, o registo da ocorrência com registos partilhados pelas crianças de como podemos melhorar, o que é que essa criança mais gosta de fazer que possibilite um maior investimento dela e não se sentir tão frustrada por não poder fazer

o que muito gosta. Portanto, só posso contar com as que eu desenvolvo na sala de aula, com o grupo a apoiar estas decisões também sempre, envolver os outros, mas estes resultados são difíceis de alcançar. No positivo são longos e depois, às vezes, perdem-se porque eles da sala de aula passam para outros contextos em que isso não lhes é exigido mas, às vezes, também penso assim “tem que necessariamente este miúdo conflituoso ser assim sempre para a vida?” não necessariamente, às vezes, até a criança nos agrada noutros ambientes futuros porque também nos casos que eu estou a visualizar, a criança que está aqui em causa com dificuldades nestes aspetos, tem razões para o ser entre aspas, há uma vida familiar destruída, há sim senhora, pode-se dizer que a criança que é feliz e num ambiente saudável também é conflituosa? Está bem, há o aspeto do egocêntrico da idade que vem sempre ao de cima mas aqueles que são mais complicado, porque esse vai sempre aprendendo que a criança até aos três anos, se tiver uma boa estruturação familiar, acaba por perceber “eu agora faço a seguir” e o outro não percebe nunca. O comportamento para mim negativo e de conflito surge sempre com uma chamada de atenção, aquela criança está aqui mas depois também há aqui crianças que eu percebo isso e é assim e vou sempre pelo reforço positivo, pelo apoio e não consigo ter resultados. Eu costumo dizer que o que não vai a bem não vai a mal mas depois, às vezes, também experimentamos outra mais punitiva.

Sara – Relacionado com o “Bloco IV – Necessidades de formação” sabe de algumas formações existentes ou participou em alguma? Qual?

L.J – Não, por acaso não tenho participado em nenhuma desse tema mas sei que, às vezes, aparecem, sim, aparece mas embora seja o que mais me angustie, se calhar como profissional não é muito por aí que tenho ido a essas formações, engraçado, porque eu acho que nós já sabemos mais ou menos as estratégias, o complicado é ver resultados porque elas em si mesmo não tem resultados assim imediatos, é ao longo da vida.

Sara – Há necessidade de haver formações específicas neste âmbito?

L.J – É sempre uma mais-valia mas nós dentro da psicologia geral sabemos mais ou menos, também me aconselho muito com psicólogos mas depois também me dizem “mas espera que isso tenha frutos não queiras logo...” e eu, às vezes, quero logo.

Sara – Em relação ao “Bloco V – Papel do conflito no desenvolvimento da aprendizagem” para si, qual é a importância do conflito no desenvolvimento da aprendizagem?

L.J – Não sei se entendi bem a questão. A questão reporta-me assim, será que o facto de haver um conflito, e isso ser negativo e prejudicar o desenvolvimento, ele pode também ser potencial motivador de outro tipo de aprendizagens? Eu acho que também no meu dia-a-dia também me sirvo desse conflito para trabalhar a parte da formação pessoal e social e de

levar isso aos outros e de ajudar à resolução. Ela pode potencializar aprendizagens mas que era sempre melhor desenvolver aprendizagens sem conflitos era ponto. E pensar assim “aproveito esse conflito para resolver?”, “sim aproveito para trabalhar outras competências essenciais para eles” mas era melhor gerir sem conflitos.

Sara – Sim, claro que sim. Obrigada.

## **Educadora de Infância – M.R**

Sara – Olá, boa tarde. Gostava que começasse por se apresentar, se faz favor.

M.R – Boa tarde. Sou a educadora Maria do Rosário, estou em Vale da Pinta já há vinte e oito anos, já fui tua educadora e agora tratam-me por Mizá.

Sara – Sim. Qual é o seu percurso académico?

M.R – Olha, já sou educadora há trinta e cinco anos, isso quer dizer que se tive vinte e oito em Vale da Pinta, já estive no Alentejo, já estive na zona de Mação, Carvoeiro, já estive em Arrouquelas, Azoia de Cima, Romeira e Vila Chã de Ourique. Pelo menos nesses todos já estive.

Sara – Muito bem. Então tem trinta e cinco anos de serviço, certo?

M.R – Trinca e cinco anos de serviço.

Sara – Muito bem. Que tipos de conflitos ocorrem entre os alunos em contexto de sala? Dê exemplos específicos.

M.R – Então é assim, conflitos ocorrem sempre, querem o mesmo brinquedo, porque querem o mesmo lugar para se sentar, porque querem ir à frente, porque o outro não lhe dá o que eles querem, porque não são amigos, deste género de conflitos.

Sara – E em que medida esses conflitos afetam o processo de ensino-aprendizagem dos alunos?

M.R – Não, eu acho que estes conflitos não vão afetar a aprendizagem diretamente porque nós resolvemos sempre o conflito, portanto, não vai assim trazer grandes problemas. Convém só dizer que estou a falar de crianças ditas entre aspas normais não é? Porque depois temos aqueles conflitos com crianças com necessidades educativas especiais e aí já é outra forma mas, à partida, a entrevista é para falar no geral.

Sara – Quais considera ser os principais intervenientes na resolução de conflitos?

M.R – Eu opto muito por serem eles a resolverem os conflitos quando têm a mesma idade embora, tenha grupos heterogéneos de três, quatro, cinco e seis anos mas eu, quando o conflito é entre pares com a mesma estatura e a mesma idade, gosto que sejam mesmo eles a resolverem os conflitos.

Sara – E quando não são eles a resolverem os conflitos?

M.R – Quando não são eles a resolver os conflitos, às vezes, há um menino mais velho que diz que já sabe quais são as regras e ensina quando são mais novos, “que se tem que partilhar” dizem muito, tem que se partilhar, no caso dos brinquedos ou então interfiro eu.

Sara – Consegue-me identificar outros intervenientes que contribuam, de forma eficaz, para a resolução de conflitos entre os alunos?

M.R – Eu acho que é muito importante serem eles a ditarem as próprias regras porque eles assim autocontrolam-se, portanto, são eles a ditarem as próprias regras, mesmo assim, quando há conflitos, acho que o mais importante também é serem eles a resolverem os conflitos, serem eles os agentes principais.

Sara – E qual é o papel da família nesta resolução de conflitos?

M.R – É assim, a família, eu tive sempre uma grande ligação com a família, acho que é importante termos sempre ligação com a família, muita conversa para saber mas eu costumava sempre dizer “os conflitos de casa resolvem os pais em casa e os conflitos do jardim resolvem-se aqui no jardim”.

Sara – Muito bem e qual é o papel do educador/professor na resolução de conflitos entre as/os crianças/alunos?

M.R – Eu acho que o educador é o mediador. Já sabes que eu sou o mediador e acho que também é muito importante nós darmos exemplos e agirmos com eles de forma calma, serena. Se as regras não se cumprem então há a multa, é como nas regras de trânsito, há a multa. Este ano as multas foram eles que disseram e é assim “se nós não cumprimos as regras não vamos brincar à rua”.

Sara – Quais as estratégias que habitualmente adota na resolução de conflitos? Porquê? Descreva os procedimentos.

M.R – As estratégias, portanto, se for um conflito muito acentuado que seja preciso interferir, chamo as duas partes, falo com eles. Posso até eu dizer aquele conflito que eu achei giríssimo, meninos de três anos que chegaram este ano, que não é muito usual mas também as crianças estão a mudar, a sociedade muda e as crianças não são como eram dantes. Então este ano foi, as crianças de três anos cada vez aparecem mais imaturas, muito mais dependentes do adulto à partida, alguns até veem com fralda mas eu achei giríssimo porque duas crianças queriam o mesmo aparelho para brincar na plasticina, então começaram os dois a bater um ao outro, choramingavam e batiam, choramingavam e batiam e eu estava à espera que algum deles, tinham os dois três anos, algum deles viesse pedir ajuda ao adulto ou algum amigo, mas não. Eles batiam e depois cansavam-se e batiam mais devagarinho, bem aquilo demorou aí cinco minutos, quando eu vi que não havia solução fui lá e pronto, disse “pronto agora o brinquedo é para mim e vocês vão pedir desculpa porque os brinquedos são para partilhar”. Aquela conversa que os brinquedos estão aqui na escola, depois está um outro, depois está outro agora vocês não conseguem chegar à conclusão de quem é que fica com o brinquedo então agora o brinquedo fica aqui

comigo e dão um abraquinho, primeiro pedem desculpa, um teve muita dificuldade em sair a palavra mas depois disse e no fim de pedirem desculpa deram um abraço ficaram a olhar um para o outro e desataram-se a rir.

Sara - Realiza algumas atividades, recursos e/ou projetos que utilize ao longo da prática?

M.R – Sim, isso quando são os conflitos mais acentuados ou é retira-los da situação, leva-los a falar noutra canto para eles esquecerem um pouco quando estão assim, mas isso é mais crianças que já têm algum problema porque as crianças que não têm assim nenhum problema a nível comportamental, eu tenho crianças que são como eu digo elétricas, não param mas não são crianças conflituosas. Quando nos deparamos com grupos em que há crianças muito conflituosas há inúmeras estratégias, eu lembro-me que um ano em que as crianças nem eram conflituosas no aspeto entre elas mas não davam valorização aos idosos, eram muito só “eu”, então até fiz um projeto que englobou andar a visitar os idosos quando faziam anos, levávamos um bolo, portanto para ver que são só eles que existem e há várias estratégias tipo retirá-los do sítio, calmá-los, a música suave que eu digo que é a música zen também é muito bom, depois pô-los a pensar naquilo que fizeram ou fazer um desenho para dar ao amigo que eles aleijaram, várias estratégias que podemos incluir.

Sara – Além dessas que referiu, conhece outras estratégias que podem ser adotadas na resolução de conflitos?

M.R – Sim, há muito quem adote a situação das bolinhas vermelha, verde e amarela, as caras de sorrisos mas eu, muito pessoalmente, não sou apologista das bolinhas porque eu acho que eles têm consciência daquilo que fazem e na altura é resolvido e acho que é muito importante é eles não só terem a multa “entre aspas” como recompensarem quem eles lesaram. Quanto à estratégia da bolinha não sou muito apologista mas sei que há outras, há as mensagens do eu, há muitas técnicas para utilizar.

Sara – Quais as principais dificuldades na operacionalização destas estratégias?

M.R – Eu não tenho assim grande dificuldade, a dificuldade, às vezes, é se houver miúdos com problemas, aí os outros podem ir por arrasto e estarem ali num braço de ferro mas não tenho dificuldades nas estratégias a não ser que a criança, no início seja mais difícil no período de adaptação mas quando se cria a relação do afeto acho que é fácil.

Sara – Quais destas estratégias que utiliza que tem mais sucesso?

M.R – Tudo o que vem da criança, serem eles a criarem as suas próprias regras e tudo no diálogo, eu acho que é muito importante o diálogo e também, claro há sempre a ação e a consequência, não esquecer.

Sara – Sabe de alguma formação existente ou já participou em alguma? Qual?

M.R – É assim, eu vou sempre participando em formações, por exemplo, ainda hoje vou para uma formação que tem a ver com as emoções, que eu acho que as emoções são muito importantes. Também há aquelas formações parentais, que também indicamos aos pais, e vou sempre fazendo formações. Tive o ano passado uma de gestão de conflitos com as psicólogas, aqui no jardim, até fazemos uma vez por ano as conversas partilhadas onde os pais falam não só em relação aos conflitos, como birras e etc.

Sara – Há necessidade de haver mais formações neste âmbito?

M.R – Eu acho que as formações nunca são demais muito especialmente para os pais.

Sara – Para si, qual é a importância do conflito do desenvolvimento de aprendizagem?

M.R – É assim, em relação ao pré-escolar eu penso que os conflitos nesta altura ainda se conseguem gerir muito bem. No primeiro ciclo, acho que são muito, muito, muito influentes na aprendizagem. Aqui, como não temos um currículo definido, nós temos as orientações curriculares, nós gerimos o próprio conflito da forma que queremos, na altura que queremos e a levar o tempo que for necessário. No primeiro ciclo o tempo para dar os programas condiciona e as crianças também já estão noutra fase em que o Bullying está cada vez mais presente.

Sara – Obrigada!

M.R – De nada, um beijinho grande.

## **Professora do Ensino Básico – A.F**

Sara – Olá, bom dia. Gostava que começasse por se apresentar, se faz favor.

A.F – Sou a professora Amélia Freire, sou professora do primeiro ciclo e estou aqui colocada na escola dos Combatentes. Neste momento encontro-me a lecionar os Ninhos e sou simultaneamente coordenadora de departamento.

Sara – Em relação ao seu percurso académico?

A.F – Eu comecei por tirar o curso de Magistério Primário e terminei no ano de 78 e depois, mais tarde, fiz o Complemento de Formação em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores, penso que terminei em 2004.

Sara – Quantos anos tem de serviço?

A.F – Eu fiz agora trinta e nove anos de serviço.

Sara – Muito bem. Em relação ao Bloco II, que tipos de conflitos ocorrem entre os alunos/crianças em contexto de sala? Dê exemplos específicos.

A.F – Pronto, muitas vezes surgem conflitos em sala de aula que têm a ver, às vezes, com a disputa de materiais, outra vezes com problemas que já vêm do recreio ou do intervalo ou até mesmo de fora da escola e que, muitas vezes, se refletem também em sala de aula. Conflitos propriamente ditos são, muitas vezes, por esse nível.

Sara – Em que medida esses conflitos afetam o ensino-aprendizagem dos alunos?

A.F – Muitas vezes afetam porque fazem com que muitas vezes a aula tenha que ser interrompida para se tentar colmatar esses conflitos.

Sara – Quais considera ser os principais intervenientes na resolução de conflitos?

A.F – Na resolução de conflitos são sempre eles próprios, o professor que tem muito o papel de moderador e, por vezes, os outros colegas, a família e as auxiliares. Quando as coisas são piores pode-se chegar, inclusivamente, mesmo à direção.

Sara – Conseguir-me identificar outros intervenientes que contribuem, de forma eficaz, para esta resolução de conflitos entre alunos/crianças?

A.F – Foram esses mesmo todos que eu disse.

Sara – Qual é o papel da família?

A.F – Muitas vezes se esses conflitos vêm de fora da escola e, às vezes, são conflitos de natureza familiar ou entre famílias. Sim, a família pode ter um papel importante desde que

seja chamada pela escola e, em conversa, em diálogo, tentarmos resolver as situações junto com os familiares e depois os familiares junto com os seus educandos.

Sara – Qual o papel do professor/educador na resolução de conflitos entre as crianças?

A.F – O papel do professor é sempre um papel mais de moderador. É o elo de ligação entre os intervenientes.

Sara – Em relação ao Bloco III, quais as estratégias que habitualmente adota na resolução de conflitos? Porquê? Descreva os procedimentos.

A.F – O primeiro terá que ser sempre o diálogo, o diálogo para a compreensão do conflito, o diálogo e o debate para a tentativa de resolução do mesmo. Terá que se passar sempre por aí.

Sara – Exemplos de atividades, recursos e/ou projetos que utiliza ao longo da prática.

A.F – Lá está, o debate, o diálogo, o consenso para a resolução de conflitos.

Sara – Conhece outras estratégias que podem ser adotadas na resolução de conflitos? Explícite.

A.F – Sim, há outras estratégias. Muitas vezes, terá que passar por procedimentos disciplinares, quando eles não se conseguem resolver através do diálogo ou do consenso mas, normalmente, é em última escala, isso é em último recurso.

Sara – Quais as principais dificuldades na operacionalização destas estratégias?

A.F – As principais dificuldades é que isso, depois, implica um procedimento em que se tem que fazer o registo, reenviar esse registo para a direção, tem que haver depois todo um procedimento de auscultação de todos os intervenientes e uma decisão final. E quando passa por aí já não é tão agradável.

Sara – Quais as que têm mais sucesso?

A.F – Sempre a primeira. O diálogo, o debate, a interiorização que alguma coisa esteve mal e o assumir de dentro para fora, ou seja, é o aluno que tem que perceber que, de facto, aquela não é a solução e que a solução é sempre outra.

Sara – Em relação ao “Bloco IV – Necessidades de formação”, sabe de alguma formação existente ou participou em alguma? Qual?

A.F – Sim, existem muitas formações sobre resolução de conflitos em sala de aula. Já participei numa formação sobre esse tema específico há uns anos atrás mas a formação também foi toda neste sentido, sempre, sempre neste sentido.

Sara – Há necessidade de haver mais formações específicas neste âmbito?

A.F – Sim, até porque, muitas vezes, há modelos adotados em escolas ou instituições que podem ser depois adequados ao contexto escolar e ao contexto pedagógico em sala de aula.

Sara – Em relação ao último bloco, para si, qual é a importância do conflito no desenvolvimento de aprendizagem?

A.F – É importante, e estou agora a falar num campo mais abrangente. Muitas vezes o conflito até dentro de nós próprios, do conflito sai a aprendizagem e, tanto nas relações humanas como até no próprio conhecimento, no conflito de ideias. Portanto, há sempre uma luz que surge do conflito. Nós, normalmente, damos ao conflito uma carga depreciativa, uma carga negativa, mas nem sempre é assim porque, por exemplo, quando eu falo do conflito de ideias, nem todas as crianças estão preparadas para aceitar as opiniões dos outros e não deixa de ser um tipo de conflito também mas é dali que nasce a luz e o conhecimento.

Sara – Muito obrigada por ter participado nesta entrevista.

A.F – De nada, foi um prazer!

Anexo III – Guião de análise.

Categorias	Subcategorias	Unidades de Contexto			
		A.C	L.J	M.R	A.F
<p><i>Bloco II</i></p> <p>Tipos de conflitos e intervenientes</p>	<p>Tipos de conflitos que ocorrem, entre as/os crianças/aluno em contexto de sala.</p>	<p>““Oh porque ele roubou-me o lápis; ou porque me tirou a borracha; porque não me dá o afia; porque me está a estragar os marcadores; deu-me pontapés debaixo da mesa; ele chamou-me nomes”. Desde os conflitos relacionados com o material; com as relações interpessoais entre eles; conflitos que trazem do intervalo para dentro da sala e que muitas vezes levam da sala para o intervalo; conflitos entre eles próprios...”</p>	<p>“Gestão das emoções, da partilha de brincadeiras, dificuldades na aceitação da autoridade dos adultos gera conflito; a criança não aceita o que adulto está a sugerir que faça. Respeito pelos adultos e pelo outro, em algumas crianças se vem a notar que o conflito também na gestão de sala de aula surge muito pela falta de respeito pelo outro.”</p>	<p>“Então é assim, conflitos ocorrem sempre, querem o mesmo brinquedo, porque querem o mesmo lugar para se sentar, porque querem ir à frente, porque o outro não lhe dá o que eles querem, porque não são amigos, deste género de conflitos.”</p>	<p>“Pronto, muitas vezes surgem conflitos em sala de aula que têm a ver, às vezes, com a disputa de materiais, outra vez com problemas que já vêm do recreio ou do intervalo ou até mesmo de fora da escola e que, muitas vezes, se refletem também em sala de aula.”</p>
	<p>Principais intervenientes na resolução de conflitos.</p>	<p>“É a razão e a persuasão, temos que lhes fazer ver a razão muitas vezes através do caminho da persuasão.”</p> <p>“O professor e eles próprios.</p>	<p>“São os adultos, quer seja a educadora, professor ou as auxiliares.”</p> <p>“São os pais, a família.”</p>	<p>“Eu opto muito por serem eles a resolverem os conflitos quando têm a mesma idade embora, tenha grupos heterogéneos de três,</p>	<p>“Na resolução de conflitos são sempre eles próprios, o professor que tem muito o papel de moderador e, por vezes, os</p>

		<p>Eles próprios tem que muitas vezes, através do professor, chegar à conclusão das asneiras que fizeram.”</p> <p>“As auxiliares muito em contexto de intervalo e de almoço. Outros docentes, a docente de educação especial se tiver na sala, a psicóloga, temos uma psicóloga na escola ao serviço da escola...”</p>		<p>quatro, cinco e seis anos mas eu, quando o conflito é entre pares com a mesma estatura e a mesma idade, gosto que sejam mesmo eles a resolverem os conflitos.”</p> <p>“Eu acho que é muito importante serem eles a ditarem as próprias regras porque eles assim autocontrolam-se, portanto, são eles a ditarem as próprias regras, mesmo assim, quando há conflitos, acho que o mais importante também é serem eles a resolverem os conflitos, serem eles os agentes principais.”</p>	<p>outros colegas, a família e as auxiliares. Quando as coisas são piores pode-se chegar, inclusivamente, mesmo à direção.”</p>
	<p>O papel do adulto na resolução de conflitos.</p>	<p>“Os pais, em conversa com os professores, têm que cada vez mais cedo tomar consciência que ter um filho é</p>	<p>“É muito importante, era muito importante que a família tivesse uma visão e preocupação nas dificuldades que alguns dos</p>	<p>“É assim, a família, eu tive sempre uma grande ligação com a família, acho que é importante termos sempre ligação com</p>	<p>“Muitas vezes se esses conflitos vêm de fora da escola e, às vezes, são conflitos de natureza familiar ou entre</p>

		<p>educa-lo para viver com os outros e educa-lo para viver com os outros é aprender a cumprir regras e as regras são para todos, não há privilegiados em educação e em regras. Todos temos que as cumprir e todos temos que ser educados porque senão não somos civilizados e para fazer com que os pais se responsabilizem também pela gestão de conflitos, chamá-los, conversar no final do ano, conversas na entrega das avaliações, pôr os pais a par do comportamento dos filhos.”</p> <p>“Mediador, essencialmente mediador...”</p>	<p>seus educandos revelam na gestão de emoções de coisas simples, o saber lidar com o outro, do resolver situações da vida democrática e parece que essas questões passam um bocadinho ao lado da família. A família, o pouco tempo que está com as crianças, é para satisfazelas, não é para educa-las e há outro trabalho que vem a seguir por nós que não tem sucesso sem essa parte.”</p> <p>“O papel do educador/professor é sempre de amenizar, de ajudar à resolução do mesmo.”</p> <p>“Um mediador!”</p>	<p>a família, muita conversa para saber mas eu costumava sempre dizer “os conflitos de casa resolvem os pais em casa e os conflitos do jardim resolvem-se aqui no jardim”.”</p> <p>“Eu acho que o educador é o mediador. Já sabes que eu sou o mediador e acho que também é muito importante nós darmos exemplos e agirmos com eles de forma calma, serena.”</p>	<p>famílias. Sim, a família pode ter um papel importante desde que seja chamada pela escola e, em conversa, em diálogo, tentarmos resolver as situações junto com os familiares e depois os familiares junto com os seus educandos.”</p> <p>“O papel do professor é sempre um papel mais de moderador. É o elo de ligação entre os intervenientes.”</p>
<p><u>Bloco III</u></p> <p>Estratégias de resolução de conflitos</p>	<p>Atividades, recursos e/ou projetos.</p>	<p>“Para gestão de conflitos, ora bem, eu não tenho grande</p>	<p>“A reflexão em grupo, chegou a haver anos, já o ano passado,</p>	<p>“Quando nos deparamos com grupos em que há crianças</p>	<p>“Lá está, o debate, o diálogo, o</p>

		<p>problema de indisciplina na minha sala, como tu bem sabes.”</p> <p>“Não, olha sempre que nós fazemos projetos de artes que implique trabalhar muito uns com os outros, que implique muito a nossa opinião e o nosso gosto e o gosto dos outros e que tem que haver uma grande gestão. Agora vamos ter uma horta biológica, vamos construir uma árvore de natal, todos esses projetos que se relacionam com um projeto de turma para artes, com qualquer coisa que tenha que unificar de alguma forma a turma ou um grupo, tem que aprender a trabalhar em conjunto, tem que</p>	<p>sempre que o grupo é mais conflituoso passamos aqui o tempo a reinventar situações. Eu, o ano passado, resolvi uma que por mim já estava na gaveta, já fazia parte de um passado que eu não tinha ido rebuscar ao baú mas fui, que é um mapa de registos do comportamento mas sempre visto como um ponto de vista positivo, sempre atendendo à criança que tem mais dificuldades em cumprir o seu comportamento adequado, de que ela é capaz, por vezes não ser tão rigorosa com essa, de modo a que ela conseguir um dia de bom comportamento e, depois, no final do mês era contabilizado o miúdo que teve mais comportamentos adequados e era-lhe dado um presente como um livrinho.”</p>	<p>muito conflituosas há inúmeras estratégias, eu lembro-me que um ano em que as crianças nem eram conflituosas no aspeto entre elas mas não davam valorização aos idosos, eram muito só “eu”, então até fiz um projeto que englobou andar a visitar os idosos quando faziam anos, levávamos um bolo...”</p>	<p>consenso para a resolução de conflitos.”</p>
--	--	--	---	--	---

		<p>aprender a trabalhar em grupo, tem que aprender a gerir a discórdia de diversas opiniões. Projetos, nomeadamente, relacionamos com conflitos, ou seja, aparece um conflito como é que eu vou futuramente solucionar esse problema? Queria ser-te útil mas não posso porque nunca cheguei ao ponto de não saber solucionar um conflito quando ele ainda está latente, nunca se agravou assim tanto, nunca nada causou nas minhas turmas em trinta anos de serviço, motivo que me levasse a “como é que eu vou gerir isto?”, “como é que eu vou solucionar isto?”.”</p>			
--	--	--	--	--	--

	<p>Estratégias que utiliza na resolução de conflitos.</p>	<p>“Habitualmente é por essas coisas, não há aqui conflitos de maior, muitas vezes os conflitos que vêm com outro peso para dentro da sala de aula são os que são trazidos da altura do almoço e do intervalo nomeadamente do futebol.”</p> <p>“O futebol é o maior pico de discórdia numa escola e isto é a minha opinião pessoal, a maior parte das minhas colegas não concorda e acha que não deve acabar o futebol porque os meninos precisam de descarregar as energias...”</p> <p>“Acaba-se o futebol, é simples.”</p> <p>“...à centésima primeira vez tu tens que berrar porque já chega, então</p>	<p>“Logo durante o conflito a criança é chamada à atenção, promovendo o diálogo sobre a situação que está a acontecer, diálogo com ela, com os seus pares envolventes, com o grande grupo sempre que se justifique, chamar o grande grupo à resolução do problema, por vezes as crianças têm outra visão mais simples de como e às vezes mais punitiva até que o adulto. Se a situação tem um carácter mesmo muito grave chama-se o grupo todo à resolução do problema se não, por vezes, fica em coisas mais simples e só entre pares, resolve-se em pequeno grupo.”</p> <p>“O ano passado consegui centrar-me porque estava a dar frutos o mapa dos comportamentos, deu resultados, por vezes saltito</p>	<p>“As estratégias, portanto, se for um conflito muito acentuado que seja preciso interferir, chamo as duas partes, falo com eles.”</p> <p>“Sim, há muito quem adote a situação das bolinhas vermelha, verde e amarela, as caras de sorrisos mas eu, muito pessoalmente, não sou apologista das bolinhas porque eu acho que eles têm consciência daquilo que fazem e na altura é resolvido e acho que é muito importante é eles não só terem a multa “entre aspas” como recompensar em quem eles lesaram. Quanto à estratégia da bolinha não sou muito apologista mas sei que há outras, há as</p>	<p>“O primeiro terá que ser sempre o diálogo, o diálogo para a compreensão do conflito, o diálogo e o debate para a tentativa de resolução do mesmo. Terá que se passar sempre por aí.”</p> <p>“Sim, há outras estratégias. Muitas vezes, terá que passar por procedimentos disciplinares, quando eles não se conseguem resolver através do diálogo ou do consenso mas, normalmente, é em última escala, isso é em último recurso.”</p> <p>“Sempre a primeira. O diálogo, o debate, a interiorização que alguma coisa esteve mal e o assumir de dentro para</p>
--	---	--	---	--	---

		<p>às vezes um grito também é uma boa estratégia, um castigo também pode ser, quando isto não vai lá a bem às vezes também tem que ir lá a mal...”</p> <p>“Outras estratégias que tenho utilizado, mudar miúdos às vezes funciona, depende das personalidades, dos feitios dos miúdos, às vezes um miúdo mais pacato, mais calmo e mais tranquilo apazigua um que é mais extrovertido, beneficiando os dois. Fazer tutorias com os miúdos, pô-los a trabalhar a pares, às vezes dois que se zangam obriga-los a trabalharem juntos, castigar os dois mas eu não tenho muito a experiência de</p>	<p>um bocadinho em várias maneiras de resolver o problema e eu preciso de ter um tempo em que perdue aquele tipo da minha atitude para que ela tenha alguns resultados e eu, às vezes, como os resultados não são muito imediatos nalguns métodos abandono, mudo outra vez. Tento sempre em mim ir pelo reforço positivo, sempre que valha a pena portar-se bem porque isso vai ter resultados bons, deu uma educadora bem-disposta que goste de satisfazer as necessidades dessa criança em causa e tal, por vezes não resulta, o positivo só não resulta. O que é que faço com o negativo? A parte punitiva, um castigo, entre aspas, poderá ser não desenvolver naquele dia uma atividade que ele tanto goste...”</p> <p>“É sempre o</p>	<p>mensagens do eu, há muitas técnicas para utilizar.”</p> <p>“Tudo o que vem da criança, serem eles a criarem as suas próprias regras e tudo no diálogo, eu acho que é muito importante o diálogo e também, claro há sempre a ação e a consequência, não esquecer.”</p>	<p>fora, ou seja, é o aluno que tem que perceber que, de facto, aquela não é a solução e que a solução é sempre outra.”</p>
--	--	--	---	--	---

		<p>indisciplina na minha sala de aula nem conflitos por aí além...”</p> <p>“ Sei lá, conheço várias, eu posso não as ter aplicado mas conheço várias. Podemos levar os miúdos mais conflituosos a fazer outro tipo de atividades daquelas que se estudam muito em cidadania, atividades que eles tenham mesmo que solucionar uma atividade ou resolver uma atividade onde não dependa só deles, dependa também do outro para aprenderem a lidar com a opinião do outro e com a resolução do outro, tem acontecido às vezes eles dizerem-me “oh professora mas ele não</p>	<p>diálogo e a reflexão entre pares sobre isso, o registo da ocorrência com registos partilhados pelas crianças de como podemos melhorar, o que é que essa criança mais gosta de fazer que possibilite um maior investimento dela e não se sentir tão frustrada por não poder fazer o que muito gosta. Portanto, só posso contar com as que eu desenvolvo na sala de aula, com o grupo a apoiar estas decisões também sempre, envolver os outros, mas estes resultados são difíceis de alcançar.”</p>		
--	--	---	---	--	--

		<p>faz” então geralmente o que eu digo é “você é que tem que se entender e chegar a uma conclusão”, resulta.”</p> <p>“Turmas grandes, multiculturais, miúdos com cada vez mais dificuldades de aprendizagem, miúdos que não trazem educação de casa...”</p> <p>“A razão e a persuasão mesmo em si, faze-los ver pela via da razão e depois indo lá pela persuasão das coisas, quando isto não funciona é “eu mando, eu sou professora e tens que me obedecer”.”</p>			
<p><u>Bloco IV</u> Necessidades de formação</p>	<p>Necessidade de formação na área.</p>	<p>“...uma vez até estava para ir a uma ação de formação de “Gestão de Conflitos na Sala da Aula” e acabei por não ir porque</p>	<p>“Não, por acaso não tenho participado em nenhuma desse tema mas sei que, às vezes, aparecem, sim, aparece mas embora seja o que mais me</p>	<p>“É assim, eu vou sempre participando em formações, por exemplo, ainda hoje vou para uma formação que tem a ver com as</p>	<p>“Sim, existem muitas formações sobre resolução de conflitos em sala de aula. Já participei numa formação</p>

		<p>consigo gerirlos sem precisar da opinião alheia, mas eu sei que há estratégias e recursos para professores que não tenham tanta atitude ou tanta autoridade...”</p> <p>“Sei mas agora não sei dizer o nome porque eu não participei, porque já disse que achei que não tinha necessidade, o que é uma presunção minha porque toda gente tem necessidade de saber novas estratégias, recursos, nós não sabemos tudo e não nascemos ensinados. Eu tenho a facilidade de ter atitude e de ter autoridade e isso, só por si, anula os conflitos, anula-os mas de algum modo,</p>	<p>angustie, se calhar como profissional não é muito por aí que tenho ido a essas formações, engraçado, porque eu acho que nós já sabemos mais ou menos as estratégias, o complicado é ver resultados porque elas em si mesmo não tem resultados assim imediatos, é ao longo da vida.”</p> <p>“É sempre uma mais-valia mas nós dentro da psicologia geral sabemos mais ou menos, também me aconselho muito com psicólogos mas depois também me dizem “mas espera que isso tenha frutos não queiras logo...” e eu, às vezes, quero logo.”</p>	<p>emoções, que eu acho que as emoções são muito importantes. Também há aquelas formações parentais, que também indicamos aos pais, e vou sempre fazendo formações. Tive o ano passado uma de gestão de conflitos com as psicólogas, aqui no jardim, até fazemos uma vez por ano as conversas partilhadas onde os pais falam não só em relação aos conflitos, como birras e etc.”</p> <p>“Eu acho que as formações nunca são demais muito especialmente para os pais.”</p>	<p>sobre esse tema específico há uns anos atrás mas a formação também foi toda neste sentido, sempre, sempre neste sentido.”</p> <p>“Sim, até porque, muitas vezes, há modelos adotados em escolas ou instituições que podem ser depois adequados ao contexto escolar e ao contexto pedagógico em sala de aula.”</p>
--	--	---	--	--	--

		<p>devia ir a essas ações de formação porque afinal de contas todos juntos é que chegamos a uma conclusão e qual é a melhor e o melhor funcionamento.”</p> <p>“Há! Cada vez mais, cada vez mais os miúdos veem mais mal-educados de casa, cada vez mais os professores não fazem valer a sua autoridade, cada vez mais as turmas são maiores, cada vez mais os miúdos são mais heterogéneos e as turmas, cada vez mais eles são criados por si só, coitados, e depois cada vez mais eles não tem paciência uns com os outros também e não se respeitam portanto, se calhar, faz</p>			
--	--	---	--	--	--

		<p>sentido uma vez por ano os professores fazem estas ações de formação mas não podem ser mais do mesmo porque se forem só mais do mesmo também não aquece nem arrefece, acho que tem é que haver casos pontuais e exemplos de conflitos que transcendam o normal.”</p>			
<p><u>Bloco V</u></p> <p>Papel do conflito no desenvolvimento da aprendizagem</p>	<p>A importância do conflito no desenvolvimento de aprendizagem.</p>	<p>“Porque estão sempre a haver quebras, quebras e quebras. Muitas vezes quando eu estou a dar a aula, se for uma aula expositiva veem ter comigo e dizem-me “professora ele roubou-me uma borracha”, pronto quebram o ritmo quer seja de uma aula expositiva quer seja do próprio trabalho deles.”</p>	<p>“Por vezes, se eles surgem muitas vezes, estes conflitos dificultam o desenvolvimento das atividades em curso, perde-se tempo com o conflito, desviamos-nos da nossa intenção, perde-se tempo entre aspas, perde-se aquele fio condutor, há atividades que ficam comprometidas e que retomaremos mais tarde em outros momentos, mas muitas vezes são comprometidas algumas</p>	<p>“Não, eu acho que estes conflitos não vão afetar a aprendizagem diretamente porque nós resolvemos sempre o conflito, portanto, não vai assim trazer grandes problemas.”</p> <p>“É assim, em relação ao pré-escolar eu penso que os conflitos nesta altura ainda se conseguem gerir muito bem. No primeiro ciclo, acho</p>	<p>“Muitas vezes afetam porque fazem com que muitas vezes a aula tenha que ser interrompida para se tentar colmatar esses conflitos.”</p> <p>“Muitas vezes o conflito até dentro de nós próprios, do conflito sai a aprendizagem e, tanto nas relações humanas como até no próprio conhecimen</p>

		<p>“Também, se nunca houver conflitos, eu resolve-os com facilidade, posso dizer que praticamente quase não há conflitos na minha sala de aula mas, de vez em quando, lá aparecem ainda mais com miúdos tão vivaços e tão terríveis como os meus mas é assim também que se aprende a viver em sociedade.”</p> <p>“Também, quer a aprender a relacionar-se uns com os outros, quer a aprender a relacionar-se lá fora, em outros contextos, em família, um dia quando forem mais velhos levam exemplos para educar os filhos e vão-se lembrar, muita vez, quando um dia forem mais velhos e andarem noutros</p>	<p>aprendizagens naquele momento.”</p> <p>“Eu acho que também no meu dia-a-dia também me sirvo desse conflito para trabalhar a parte da formação pessoal e social e de levar isso aos outros e de ajudar à resolução. Ela pode potenciar aprendizagens mas que era sempre melhor desenvolver aprendizagens sem conflitos era ponto. E pensar assim “proveito esse conflito para resolver?”, “sim aproveito para trabalhar outras competências essenciais para eles” mas era melhor gerir sem conflitos.”</p>	<p>que são muito, muito, muito influentes na aprendizagem. Aqui, como não temos um currículo definido, nós temos as orientações curriculares, nós gerimos o próprio conflito da forma que queremos, na altura que queremos e a levar o tempo que for necessário. No primeiro ciclo o tempo para dar os programas condiciona e as crianças também já estão noutra fase em que o Bullying está cada vez mais presente.”</p>	<p>to, no conflito de ideias. Portanto, há sempre uma luz que surge do conflito. Nós, normalmente, damos ao conflito uma carga depreciativa, uma carga negativa, mas nem sempre é assim porque, por exemplo, quando eu falo do conflito de ideias, nem todas as crianças estão preparadas para aceitar as opiniões dos outros e não deixa de ser um tipo de conflito também mas é dali que nasce a luz e o conhecimento.”</p>
--	--	--	--	---	---

		<p>ciclos de como a professora resolveu aquela situação, se calhar vou fazer isso. É importante também que surja a discórdia para da discórdia nascer a concordia ou seja, o mal só existe porque há o bem e vice- versa.”</p>			
--	--	--	--	--	--

